

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA
SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES
15 DE OUTUBRO DE 1942
D. 1 ESCUDO

1942
-0- NOV- 1942

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA
SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

AVULSO
ESC.
20

ANO III - N. 105
20
MAIO
1943



ANO I - N. 1 - 22 DE MAIO DE 1941 - P
VIDA MUNDIAL ILUSTRADA
SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACT

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA
SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES
15 DE OUTUBRO DE 1942

Vida Mundial

ILUSTRADA
Semanário gráfico de actualidades



ARMAS DESCONOCIDAS UTILIZARA EL JAPON

La fortaleza del Atlántico

Según la Prensa Inglesa es imposible concebir una base para la invasión de Europa que sea localizada por la armada de submarinos.

UNA NUEVA BOMBA ESTÁ SIENDO EMPLEADA POR LOS AVIONES JAPONESES EN LA GUERRA DEL SUECO. SE LLAMA A LA BOMBA DEL SEJUDO Y FUE UTILIZADA POR VEZ PRIMERA EN EL GRAN ATAQUE JAPONÉS CONTRA FUJI Y SAKESHI HACE ALGUNOS DIAS.

UNA POSIBLE OPERACIÓN CONTRA LA INDIA Y EL ARTE GENERALIZADO DE LA GUERRA EN EL SUECO. SE LLAMA A LA BOMBA DEL SEJUDO Y FUE UTILIZADA POR VEZ PRIMERA EN EL GRAN ATAQUE JAPONÉS CONTRA FUJI Y SAKESHI HACE ALGUNOS DIAS.



KATYN

El Gobierno soviético afirma que cree de nuevo por parte de los alemanes la invasión de la Polonia. Aun no se ha reportado de los aviones alemanes y otros que sobrevolaron la frontera polaca.

GANDHI ayunará hasta morir

El ayuno de Gandhi a favor de la independencia de la India. Aun no se ha reportado de los aviones alemanes y otros que sobrevolaron la frontera polaca.

Fotografía del amor

Una fotografía que muestra a un hombre y una mujer en un momento de intimidad. El hombre está abrazando a la mujer.

VIAJES FABULOSOS DEL ATUN

El atún es un pez que vive en las aguas profundas del océano. Se utiliza para hacer sardinas y otros productos.

SALOTE

El salote es un tipo de pez que vive en las aguas profundas del océano. Se utiliza para hacer sardinas y otros productos.

Buen humor, buena política

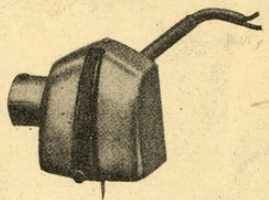
Una ilustración que muestra a un hombre y una mujer en un momento de humor. El hombre está riendo y la mujer está sonriendo.

Oro negro sobre camellos

Una ilustración que muestra a un hombre y una mujer en un momento de intimidad. El hombre está abrazando a la mujer.

DISCOFONES

PICK-UPS
MOTORES
ELÉCTRICOS
GRAMOFONES



A maior variedade de nós

EST. VALENTIM DE CARVALHO
R. Nova do Almada, 97

En este número encontrará:

UNA ÚLTIMA VEZ EN LA GUERRA DEL SUECO. SE LLAMA A LA BOMBA DEL SEJUDO Y FUE UTILIZADA POR VEZ PRIMERA EN EL GRAN ATAQUE JAPONÉS CONTRA FUJI Y SAKESHI HACE ALGUNOS DIAS.

Servicio de Hitler a Occidente

El mariscal Goering está haciendo un viaje a Occidente para visitar a los aliados. Se espera que esto ayude a mejorar las relaciones entre Alemania y los países aliados.

Europa admira nuestra semana santa

Una ilustración que muestra a un hombre y una mujer en un momento de intimidad. El hombre está abrazando a la mujer.

Salote

El salote es un tipo de pez que vive en las aguas profundas del océano. Se utiliza para hacer sardinas y otros productos.

Buen humor, buena política

Una ilustración que muestra a un hombre y una mujer en un momento de humor. El hombre está riendo y la mujer está sonriendo.

Oro negro sobre camellos

Una ilustración que muestra a un hombre y una mujer en un momento de intimidad. El hombre está abrazando a la mujer.

Empresã Insulana de Navegaçã

Carreiras regulares entre Lisboa, Madeira e Açores
Escala e datas das saídas dos vapores

Em 8 de cada mês para: Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Santa Cruz), S. Jorge (Calheta), Lajes do Pico e Faial.

Em 23 de cada mês, para: Madeira, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Velas), Cais do Pico, Faial, Corvo e Flores (Lages e Santa Cruz).

AGENTE EM LISBOA:
GERMANO SERRÃO ARNAUD
NA MADEIRA:
BLANDY BROTHERS, & C. LD.
EM PONTA DELGADA:
BENSAUDE & C. LD.

O Semanário espanhol que mostra a actualidade a cultura o humor a ciência a arte o teatro o cinema o desporto

24 páginas ilustradas — Esc. 2\$50 ex.

"His Master's Voice"

Rádio

Não é mais caro, é melhor

RUA NOVA DO ALMADA, 97

Estojes de desenho e PAPELARIA
variadissimo material técnico para architectos e engenheiros

Carlos

RUA ÁUREA, 34 a 38

Réguas, esquadros, tiralinhãs, xablonés, pistolets, escalas, etc., etc.

Lisboa

— Foi ter ao prego, por 50 mil réis, e se não fosse o Dr. Francisco Santos Rompana, que o foi desempenhar e o conserva religiosamente, lá se perdia essa reliquia tão cara a todos nós, os tunos!

— O Dr. Francisco Rompana era, de resto, uma espécie de «burra» da Tuna — e era assim que o chamavam... Mais abastado, muito dedicado, na Hora H, lá metia a mão à carteira:

— Vá lá mais estel...

Só não serviu para os salvar em Madrid:

— Foi em 1895. A tuna correria, ainda jovem, a apresentar-se em Espanha. De dinheiro está: arios muito mal. Tão mal que seis de nós — entre os quais Calado Nunes — ficámos de reféns até que chegasse a ordem telegráfica para receber os «duros» no consulado...

E, a propósito, vem a história do Grão Duque, patrono da Tuna que figura neste número do «Rua da Barroca», órgão oficial do agrupamento:

— Sem sono, sem dinheiro e com muito sangue nas veias, ninguém podia dormir no hotel Colan, onde nos hospedáramos. Saltámos da cama e viemos para a rua às 3 da madrugada. Mas como tínhamos bebido algo de mais passámos pela sala de jantar, presidida pela tela do Grão Duque, não se sabe de quê. O «Pade Cardoso» que quando não estudava a lição punha cordel no violino, para não dar fítias, era o que mais inclinava para estibordo... Foi-se à tela e, de faca em punho, cortou cuidadosamente à roda da moldura e enfiou-a num cabo de vassoura... A cantoria, que ia na rua era tanta, com o «Grão Duque» à

o D. Adrian Barasal: «Não se alijam! Gastem à vontade, porque me basta que três dos senhores se comprometam a mandar o dinheiro, no regresso a Lisboa. O Dr. Castro Rodrigues abraçou-se ao espanhol: «Hombre, usted salvou a Espanha! Foi o único espanhol que encontrámos as direitas!».

Mas o homem atalhou: Perdón, pero yó no soy español; soy catalán y nieto de portugueses!».

* * *

Os tunos nunca tinham dinheiro, como bons estudantes que se prezavam de ser:

— Todos tocavam em instrumentos seus ou emprestados. Da Tuna, só tínhamos o rabeção, o violoncelo, dois violões, o banjo e o estandarte. Durante o ano lectivo, estavam em serviço. Nas férias grandes, iam para o prego, que no fim nunca havia dinheiro para a renda da casa. O penhorista era amigo — era ali na Rua Eugénio dos Santos... — e mesmo que não se pagassem os juros, os instrumentos nunca iam a leilão, para serem resgatados, quando findavam as férias...

Era assim, com a bolsa sempre a tinar, que a Tuna, por intermédio da Caixa de Socorros a Estudantes Pobres, subvencionava os estudos de tantos rapazes que se formaram à sua custa...

* * *

Certa tarde, três tunos estavam sentados à porta do Martinho: Calado Nunes, Acácio de Paiva e Francisco Ceia. Na algeibra dos três, dóze vinténs; no cartaz de S. Carlos, a «Gis

ACADEMICA de LISBOA

frete, que meteu carabineros e, mais tarde, el commissário de policia... Regressámos por fim ao hotel mas, às duas por três, o Calado Nunes estava a berrar que lhe tinham arrombado a porta do quarto e roubado a maleta com os calções e tudol... Foi um sarilho porque, entretanto, a dona da casa, que dera pela falta da tela, só pagava «ela por ela»...

Simplemente, a tela só apareceu 25 anos depois, num baú do João Silva que achou por bem entregá-la a Calado Nunes, em troca da maleta que não chegara a reaver...

As viagens a Madrid — bons tempos os de Valladolid e Barcelona — nunca deram bom resultado. Em 1906, outros tunos voltaram, a pagar visita aos confrades espanhóis. Deram os «tiros» em Setúbal e Santarém, juntaram mais uns patacos, e lá foram não mal endinheirados. A passagem nas ruas, as senhoritas das janelas atiravam moedas que os portugueses, perante a indignação de seus hermanos, não se baixavam a apanhar. Muita festa, muita complicação, poucos entendimentos — e o teatro às moscas e as algeibras vazias:

— Estávamos muy doloridos, quando à porta do nosso quarto aparece o dono da hospedaria,

monda», no hotel Avenida, Sarah Bernhardt. Eles gostariam de ir ao teatro que lhes daria sugestões para os seus espectáculos. Mas como? Acácio de Paiva rabiscou uma carta que terminava assim:

Três bilhetes oh! Bernhardt
Seriam nesta ocasião
Como um raio de luar
No fundo de uma prisão!

Os 12 vinténs chegaram para o papel e para pagar ao moço de fretes. Ficaram à espreita, a ver quem saía do Hotel. Por fim, lá chega a resposta: uma carta pequena que ainda hoje conserva leve perfume, em papel branco, com tarja cinzenta — não era Sarah viúva? — em que a divina dizia:

«Trois bonnes places, ce soir, pour «Gismonda» pour trois etudiantes qui remtront ces mots au contróle.
Lisbonne, 18 de Decembre de 1895».

Este episódio que Eduardo Noronha refere em «Elas na intimidade» com algumas passagens modificadas — Samuel Maia erradamente substitue Calado Nunes — teve o seu seguimento em três magníficas poltronas do S. Carlos, onde os estudantes, de fato à futrica, escandalizaram as ca-



O que vai a cavalo é Acácio de Paiva que faz de «Grão Duque», segundo desenho de Jorge Cid, reproduzido no n.º 1 do «Rua da Barroca».

sacas presentes. O epilogo teve-o depois no camarim — mas, sobre a porta, eu o encerro discretamente...

* * *

As recordações, as anedotas engraçadas dos tunos não as poderia eu transmitir — por serem muitas. Formam um laço indissolúvel entre os tunos. E, assim, por exemplo, ainda hoje, quando o Dr. Castelo Branco, director da Assistência aos Tuberculosos, quer falar ao telefone com o Castro Rodrigues, director de um colégio, a Santa Bárbara — não se dizem os nomes nem se fazem os cumprimentos: trauteia os primeiros compassos de um trecho da zarzuela que interpretava no grupo e, do outro lado do fio, o Dr. Castro Rodrigues responde com outros compassos do papel que lhe cabia...

Vejam quem foram os regentes da Tuna: Ilídio Amado, Alfredo Monteiro, Fernando Pádua, Wenceslau Pinto e Pavia de Magalhães. Foram tunos alguns dos homens que mais tarde haviam de ser ministros, advogados, engenheiros, médicos, farmacêuticos, veterinários, grandes ar-



No mesmo jornal, e também de Jorge Cid, há este desenho, outra reprodução do episódio do «Grão Duque», em Madrid. Reconhecem Chaby e o Dr. Mário Moutinho?

tistas. Chaby, que era aluno do Instituto Industrial, Ramada Curto que fazia parte da secção dramática, Borges de Sousa, Acácio de Paiva que era o porta-estandarte e escreveu a primeira ope-

(Continua na pág. 30)

Estes são os últimos tunos. Foram fotografados na noite do sarau de 1941. A frente, dizendo versos, Ramada Curto de capa aos ombros.



COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

A mais antiga e maior empresa armadora portuguesa nas carreiras de África

SEDE R. do Comércio, 85 LISBOA
SUCURSAL R. Infante D. Henrique, 73 PORTO

Serviço rápido de passageiros para África Ocidental e África Oriental, Brasil e América do Norte

FROTA DA C. N. N.

	Ton.		Ton.
«Sofala»	12.500	«Congo»	5.000
«S. Tomé» n/m	9.100	«Tagus»	1.600
«Niassa»	9.000	«Luabo»	1.385
«Angola»	8.800	«Chinde»	1.393
«Cubango»	8.300	«Inharrime»	1.000
«Quanza»	6.500	«Ambriz»	858
«Lourenço Marques»	6.400	«Sere»	763
«Cabo Verde»	6.200		

AGÊNCIAS EM TODOS OS PORTOS AFRICANOS E NOS PRINCIPAIS PORTOS DO MUNDO



Emissões em LÍNGUA PORTUGUESA

Hora de Lisboa	Comprimentos de Onda	
08.45 — 09.00	49.10 m.	(6.11 mc/s)
	41.96 m.	(7.15 mc/s)
	41.49 m.	(7.23 mc/s)
14.15 — 14.45	24.92 m.	(12.04 mc/s)
	19.76 m.	(15.18 mc/s)
	13.86 m.	21.64 mc/s)
23.15 — 23.45	1.500,00 m.	(200 kc/s)
	261,10 m.	(1.149 kc/s)
	42,13 m.	7,13 mc/s)
	41,32 m.	(7,26 mc/s)

LUBRIPOL

PRODUTO NACIONAL

- O resultado de muitos anos de estudos e experiências
- O óleo de maior rendimento
- O óleo que possui maior índice de viscosidade
- O óleo de maior poder lubrificante
- O óleo que reúne todas as características de bom lubrificante

PEDIDOS PARA ENTREGA IMEDIATA À:

SOCIEDADE DE LUBRIFICANTES PORTUGUESES, L.^{DA}

TELEGRAMAS: LUBRIPOL

Avenida Almirante Reis, 17-1.º

TELEFONE: 43091

CALÇADA DA GLÓRIA

A GORA que a «Calçada da Glória» — a mais íngreme e apetejada das calçadas — entra gloriamente no seu terceiro ano de publicação, não deixa de ser oportuno dar, ainda que em breves sínteses, o balanço da sua actividade social, digamos assim, durante o ano que passou. Eis o que vamos fazer, certos de que as nossas centenas de milhar de leitores e leitoras prestarão a devida homenagem ao valor, lealdade, constância, mérito e, por vezes, descaramento, com que os autores desta página veem procedendo — a bem da razão.

|||

Durante o seu segundo ano de publicação a «Calçada da Glória», segundo elementos rigorosamente apurados, foi lida por 985.332 pessoas de todas as categorias sociais.

|||

Sabe-se que 334.125 pessoas dos vários sexos aprenderam a ler — única e exclusivamente para ler esta página.

|||

Suicidaram-se sete escritores e oito endoideceram, reconhecida a sua incapacidade para fazer uma página como esta.

|||

Rasgaram-se 207 cartas e postais anónimos em que os autores desta página eram postos pelas ruas da amargura.

|||

Recebemos dezenas de prémios e de menções honrosas de várias colectividades — e que a nossa modestia declinou.

|||

Enviaram-se à secção de expedientes 39 pedidos de dinheiro.

|||

Algumas centenas de mulheres, de todos os feitios e de todos os tons, apaixonaram-se românticamente pe-

VIRA VIRADINHO



Instantâneo colhido enquanto José Cândido Godinho e Joaquim Pedrosa Martins, respectivamente director e administrador da «Vida Mundial» dançavam e cantavam, festejando mais um aniversário da revista.

GODINHO

Ora agora, pago eu...

MARTINS

Ora agora pagas tu...

OS DOIS

Agora recebas tu
Recebes tu — mais eu!

los autores da «Calçada», enviando-lhes flores, jóias, dinheiro, garrafas de azeite, pacotinhos de manteiga, etc....

Zéco foi pedido 27 vezes em casamento.

|||

Imitámos e caricaturámos as prosas, os versos e as figuras físicas e intelectuais de mulheres e homens ilustres, registando-se alguns protestos — que enviámos ao Contencioso.

|||

Envolvemo-nos em algumas dorsões — perdão... — em algumas polémicas — de que saímos literariamente ileso.

|||

Inúmeros jornais, quer portugueses, quer estrangeiros, se referiram a esta página, citando-a, transcrevendo-a, homenageando-a. Sem

desprimor para os restantes, muito nos desvaneceram as traduções — em macacatuba.

|||

Registraram-se dezenas de livros, atribuindo-se a cada um deles — pelo menos um vistoso adjectivo.

|||

Algumas instituições quiseram receber os autores da «Calçada» no seu seio, circunstância que declinamos por não serem esses seios a nossa especialidade.

|||

Associámo-nos a inúmeras manifestações de regosijo nacional, ressaltando tipos, factos — e «gaffes»...

|||

Além dos vícios que tínhamos, fomos condecorados com alguns hábitos...

|||

Por mais duma vez a Censura, cumprindo o seu papel, nos chamou a capítulo — deixando-nos em branco...

|||

Fomos solicitados para pedir a nossa entrada na Academia. Recusámo-nos para não deixarmos de ser — imortais!

|||

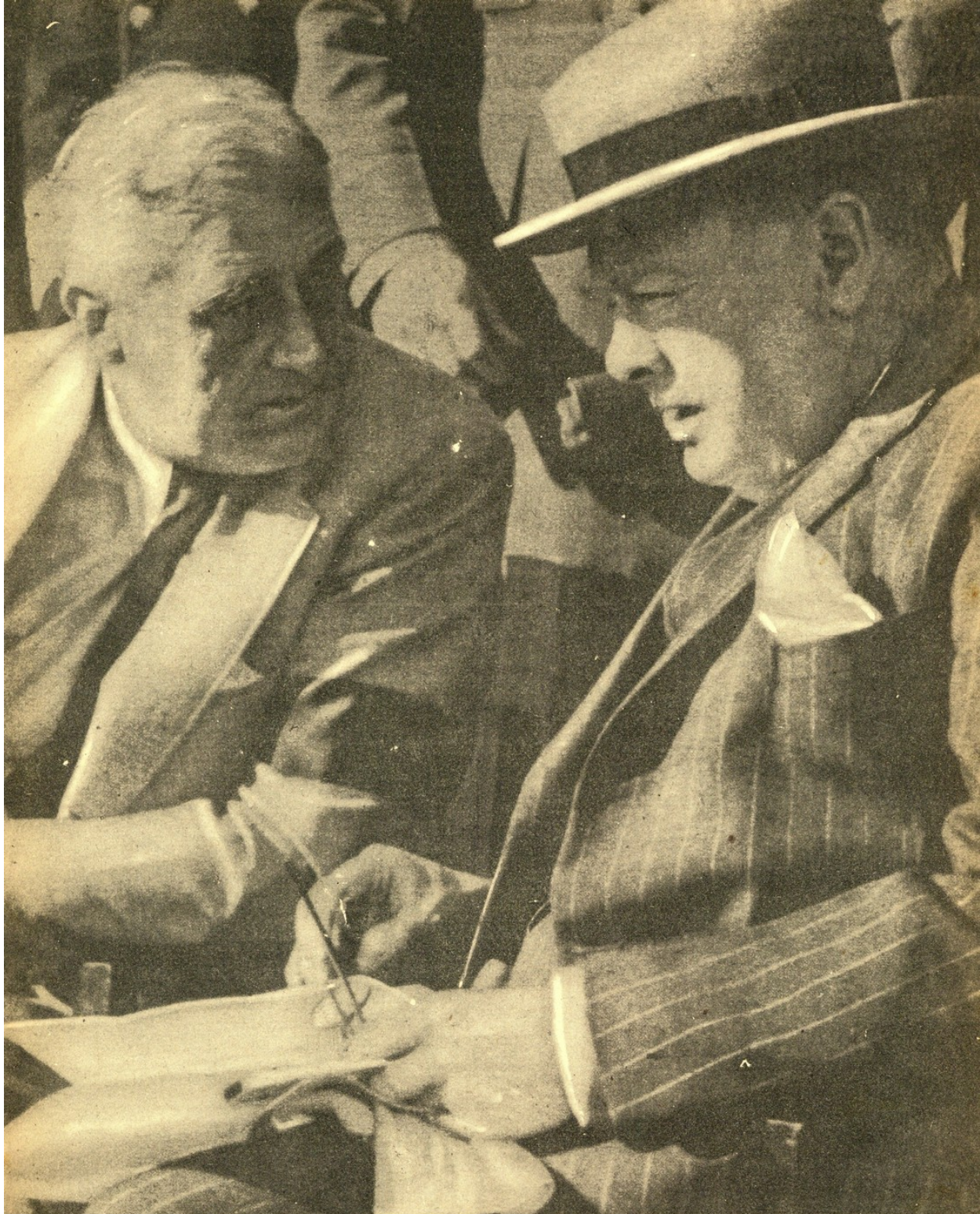
50 figuras — quer dizer, mais de 4 dúzias — entraram na Glória, subindo esta Calçada.

|||

Receberam-se milhares de cartas, cartões, postais ilustrados e desilustrados, cheios de felicitações e de aplausos.

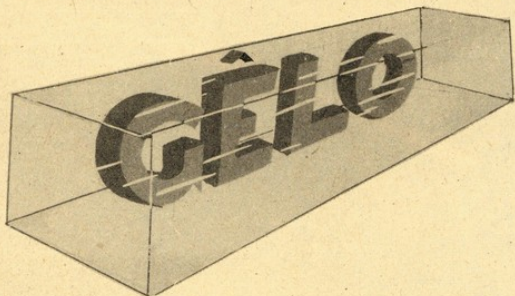
Pagaram-se 119 multas referentes a faltas de estampilhas.

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES



CHURCHILL está de novo em Washington. A actividade do Primeiro Ministro inglês é verdadeiramente extraordinária. Desenvolve-se, multiplica-se através de mares e continentes. Este novo encontro de Churchill com o Presidente Roosevelt reveste-se de uma importância excepcional depois da vitória das Nações Unidas no Norte de África. O que irá sair d'êles? É difícil a previsão. Mas tudo faz supor que desta nova conferência entre os dois estadistas deverá resultar o grande plano militar que conduzirá os exércitos anglo-americanos à invasão da Europa.

COMO SE FAZ O



A PROXIMA-SE o Verão. As esplanadas têm já o seu público — toda uma população que, abrigada à sombra amena dos toldos, gosta de saborear, pela caninha, as delícias duma carapinhada ou o travo torte da cerveja, bebida aos goves.

O calor democratiza as classes. O fidalgo e o plebeu, o industrial e o operário, suando, têm apenas uma preocupação: tirar a gravata, desapertar o colête, bater as palmas e pedir capilé ou cerveja:

— Que seja fresquinho! Bem fresquinho!

Assim como no Inverno o café e o bagaço têm grande procura por essa turba que luvade os «bars» e os botequins, de gola levantada, batendo os pés no laçado — assim, no Verão, essa mesma invasão humana, de casaco pelos ombros e camisa entreaberta reclama, sôfrega, sorvetes e laranjadas que lhes acalmem as torturas da sede.

O gelo reina, pois, nos três meses. Lisboa consome centenas de toneladas de água solidificada. Em dias de grande calor, não há gelo que chegue. Em muitas casas dê-se de vender cerveja porque não há possibilidades de refrescar as bebidas. O gelo tem uma grande procura. Os barcos fazem grandes carregamentos quando partem para a pesca do alto. Só para o cais anda a camioneta a correr um dia inteiro. Mas esse gelo para o peixe não vai em blocos, mas partido pelo triturador, dentro da fábrica.

A maneira como se fabrica o gelo é bem curiosa. Toda a gente sabe que a água dos lagos, mormente para o Norte, nas faldas da Serra da Estréla, por exemplo, gela quando a temperatura desce, repentinamente. Ora, essencialmente, o fabrico do gelo vive deste princípio. Fazer passar a água, através do frio, ao estado sólido. Simplesmente, a fábrica é um edifício com a sua maquinaria, com os seus operários, e a água em vez de ser aplicada no lugar em que nasce — vem da Companhia, a dois escudos do metro cúbico.

Existem grandes cisternas que, pela acção das bombas, continuamente a trabalhar, estão sempre cheias. A água circula pelos tubos de secção em secção. Os tanques congeladores têm vinte moldes e daí hão-de sair, de cada vez, outros tantos blocos de gelo — com vinte e cinco quilos de peso — ou seja meia tonelada de gelo. A água entra dentro daquelas caixas, fica fechada durante dezanove horas, em contacto com a salmoura.

O líquido resente-se — e acaba por solidificar. O princípio, aliás, é intuitivo. Ao fim desse tempo, porém, a água em estado sólido precisa de sofrer nova operação para que saia das caixas dos moldes. Chama-se a isso dessoldar o gelo. Dentro dum grande tanque, com água à temperatura vulgar, os moldes são mergulhados — e o gelo, sai.

Os operários começam, então, a armazenar o gelo. Com uns ganchos compridos, puxam os blocos e fazem-nos deslizar pelo estrado, até entrarem nas câmaras.

Aí é que o trabalho é mais árduo. A temperatura, lá dentro, é sempre de 6° graus abaixo de zero. Podem-se armazenar, por tempo indefinido, duzentas toneladas. Há fábricas em Lisboa que produzem, por dia, sessenta toneladas. Evidentemente que não se vende, diariamente, esse peso. De modo que há necessidade de guardar.

São três as câmaras. Entramos no interior duma delas, exactamente aquela onde se estava a trabalhar. E tivemos a impressão, bem nítida, que todo o corpo, por uma acção repentina, tinha apanhado um banho de neve. As pernas, a cara, a própria gola do casaco, ficaram levemente úmidos — e um frio cortante parecia querer perpassar através dos soles dos sapatos. Perguntamos a um daqueles homens, fortes, espaditados, que, com as botas de borracha, em cima dum bloco ajeitava outro, no compartimento:

— Não sente o frio?

— Qual frio! Nós até suamos!

E lá ficou forte, com um bocado de sarapilheira sobre os ombros a assobiar o fado, enquanto os companheiros, cá de fora, iam empurrando os blocos, numa cantilena.

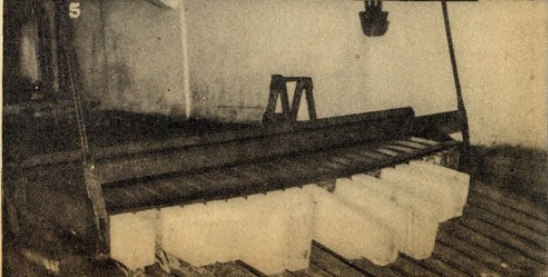
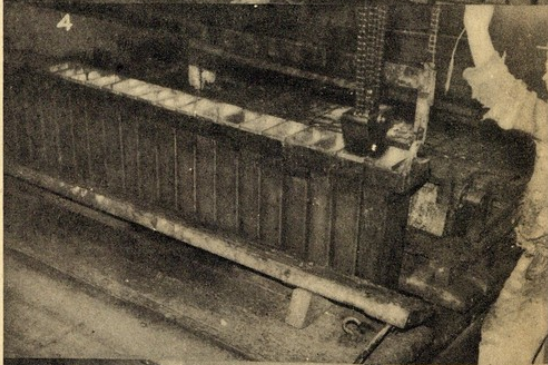
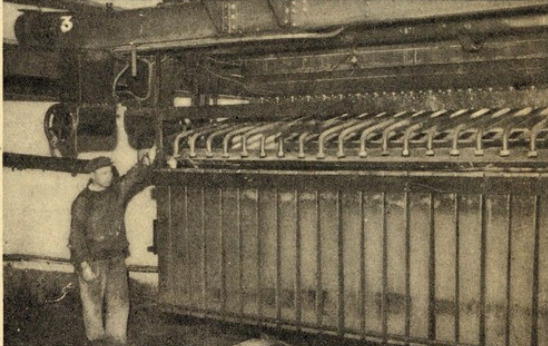
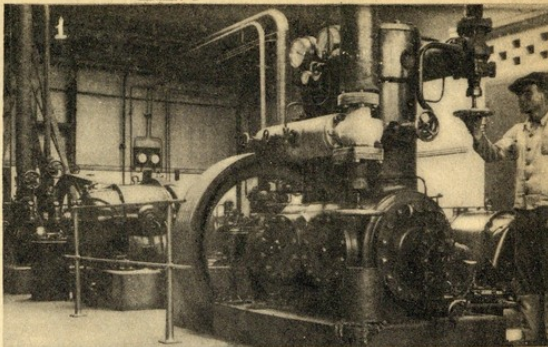
Lembrámo-nos daqueles homens das margens do Volga, sempre gelados, com as botarras enterradas na neve, abrindo caminho numa paisagem toda branca, que o cinema maravilhosamente nos sabe pintar. Simplesmente, ali, bloqueados pelo gelo, tínhamos a certeza, por uma frincha da janela, que o dia brilhava pleno de sol, numa vida de entusiasmo.

Numa outra dependência — um casarão grande e, como todos, gelado, com o chão úmido, funcionam os trituradores. Ai, o gelo, que sobe por um ascensor, é partido e, depois de feito em pedaços, corre por uns tubos. A camioneta, em baixo, é carregada, depois das grossas bocarras em ferro terem despejado em curtos minutos algumas toneladas. Esse gelo é destinado aos navios, principalmente aos barcos de pesca, que fazem grandes encomendas. Os compressores da fábrica são três — um de 30 toneladas, e os outros dois de 15 cada.

O gelo tem uma aplicação que vai até à medicina. No comércio, a sua procura é grande. Agora que temos o Verão à porta — começam já as carroças das fábricas a correr os estabelecimentos com os blocos de gelo. E o alfacinha, que se aborrece do Verão por causa do calor excessivo, está já à espera dum ufl! de Agosto para saborear, com a família, uma carapinhada daquelas bem geladinhas!

MANUEL MARTINHO

1) Estes são os compressores de amoníaco. — 2) Nesta câmara, com a temperatura a 6° abaixo de zero, é que se conserva o gelo. — 3) Cada uma destas formas contém um bloco de 25 quilos de gelo. — 4) O bloco vai cair no tanque para ser dessoldado. — 5) Vinte blocos de gelo prontos a ser armazenados.





Este general alemão é Von Arnim, o glorioso vencedor da Tunísia! Derrotado, finalmente, pelos exércitos anglo-americanos que sob a direção suprema de outros dois grandes chefes militares — Eisenhower e Alexander — levaram as forças germano-italianas ao abandono definitivo do norte de África, este general do Reich soube merecer a admiração e o respeito dos seus próprios adversários. Encontra-se hoje prisioneiro em Londres. Mas embora esmagado pela amargura da derrota, a sua consciência deve estar tranqüila — porque soube cumprir o seu dever até ao último instante! Essa justiça se lhe deva.

actualidades Graficas



D. Pedro Magurza, director da Arquitectura de Espanha, esteve entré nós a tratar de uma próxima exposição de arte arquitectónica espanhola. No Círculo Eça de Queiroz foi-lhe oferecido um almoço pelo S. P. N.



A Bélgica, no dia em que fez três anos de luta contra os invasores, recorda em todo o mundo os seus mortos. Em Lisboa o sr. encarregado dos negócios belga, que surpreendeu quando sala da igreja dos Mártires, assistiu ali a uma cerimónia religiosa.



Dez anos de serviços culturais — tantos foram os desenvolvidos pela Câmara Municipal de Lisboa, que acaba de organizar uma curiosa exposição, síntese dos trabalhos realizados. Na foto, vê-se o sr. presidente da Câmara Municipal visitando a exposição.



O sr. almirante Ivens Ferraz agradece ao sr. Cardinal Patriarca a mensagem papal que foi concedida à Cruz Vermelha Portuguesa, distinta pela primeira vez concedida a qualquer sociedade congénere.



A sr.ª D. Maria de Cabedo foi convidada a falar no Instituto de Cultura Italiana sobre «O amor através da poesia de Ada Negri». A conferencista foi apresentada pelo sr. Gino Savioiti.



Há sete anos, Salazar tomou conta da pasta da Guerra. O facto foi assinalado no dia 11, em que o chefe do Governo recebeu os representantes do Exército, proferindo um notável discurso.

UMA VEZ MAIS:

Onde viu já estas caras?

POIS foi muito animador o resultado da prova a que submetemos a memória visual do leitor: Onde viu já estas caras?

As respostas certas não abundaram, mas o resultado não deixa de ser curioso, em relação ao nosso primeiro problema.

Por isso — ainda há noites frescas que nos convidam a reuniões em família... — pomos hoje um segundo problema. Ou seja, uma nova série de retratos que talvez o leitor goste de estudar logo ao serão, perguntando, se não souber, aos parentes e amigos:

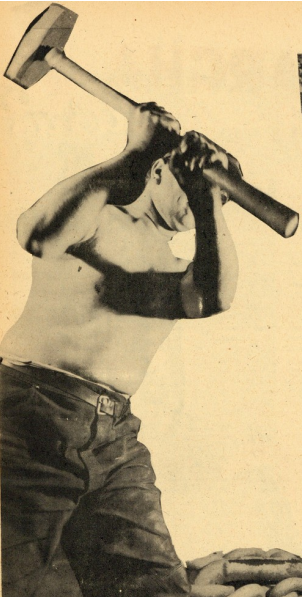
— Tu já viste estas caras? — Veja se descobre alguma pessoa conhecida — quem sabe se um parente! — entre as fotos que damos, e mande-nos dizer se acertou — no caso de lhe interessar dizê-lo, está claro...

No próximo número saberá de quem são estes retratos e na semana seguinte publicaremos uma série de detalhes de monumentos de Lisboa — para ver se algum dos nossos cultores de Belas Artes adivinha onde os fomos buscar.

Por hoje, a pergunta ainda é a mesma:

— Onde viu já estas caras? — Seria nos cafés, nos teatros, nos cinemas, nas repartições públicas, nas casas de chá ou nos estabelecimentos de modas?





UMA REVOLUÇÃO EM MARCHA!

COMO OS AMERICANOS GANHAM A VIDA

um determinado produto, um motor de automóvel, por exemplo, gastaria estas diversas semanas. Teria, para isso, que ligar mil de diversas máquinas e não teria oportunidade de trabalhar tanto em cada uma, de forma a adquirir verdadeira habilidade, devendo-se ainda notar o tempo que perderei, saltando de uma parte do trabalho para outra.

A TÉCNICA DAS CARREIRAS DE MONTAGEM

Assim, os operários colocam-se na fábrica um ao lado dos outros, cada um trabalhando com uma máquina, a qual são verdadeiros portais. O produto a ser fabricado é conduzido por uma fita transportadora, passando por cada um dos operários que cumpre a sua missão, quando o artigo passa por ele, mista-se com que poderá, por exemplo, consistir em apertar uma cavilha, ou justar a fabricação, e desmontá-la, a qual está ajeitada para o operário seguinte, que, por sua vez, tem outra tarefa a desempenhar. Desta forma, ao chegar ao fim da carreira, o produto está completamente pronto.

É pelo emprego deste método que se tem tornado tão rápida nos Estados Unidos a produção de stankus, material aeronáutico, canhões e outras armas de guerra.

Éste grande país dispõe de milhares de fábricas, umas com muitos operários, outras apenas com alguns. Há oficinas que produzem a ferramenta e a maquinaria utilizada nas fábricas; fornos que transformam o ferro em aço; fábricas de automóveis e aviões; moinhos que produzem a farinha; fábricas de tecidos ou mobilias e outras que empregam ou enlatam várias qualidades de gêneros alimentícios, estabelecidas em que se constem carros de todos os tamanhos, enfim, fábricas de todas as qualidades para todo o género de produtos.

Para a sua fabricação, existe a necessidade de se transportarem para as fábricas as matérias-primas necessárias e, depois de pronto o artigo, conduzido para os armazéns, onde o público o poderá comprar, ocupando-se neste serviço de transporte cerca de quatro milhões de pessoas. Empregam-se homens para dirigir comboios, camións e barcos, utilizados para o transporte das matérias-primas de um para outro local. Também se empregam operários para a construção e reparação de linhas férreas, pontes e estradas, para o lançamento de fios telegráficos e telefónicos e seu cuidado, para montar as estações de rádio e tornar possíveis as emissões e, finalmente, para dirigir o sistema postal do governo.

Cerca de seis milhões de pessoas se dedicam ao comércio. Quando um determinado produto é transportado para o local da sua distribuição, deve haver armazéns e vendedores que se vendem ao público, além de que se tem facil ao povo americano a sua aquisição.

Da mesma forma que as fábricas, os escritórios americanos utilizam-se em larga escala de máquinas que poupam trabalho. Em lugar do antigo método de fazer operações aritméticas com lápis e papel, utilizam-se máquinas de calcular, com as quais grandes colunas de cálculos podem ser resolvidas em pouquíssimos segundos. A escrita manual foi substituída pela escrita a máquina, para a qual, uma vez que as mulheres são mais rápidas e mais habéis para o seu manejo, muitos dos quatro milhões de empregados de escritório pertencem ao sexo frágil.

Mulheres são também dentro os cinco milhões de trabalhadores que ganham a vida trabalhando em outros serviços domésticos em casas particulares, em hotéis e restaurantes.

OPERÁRIOS ESPECIALIZADOS E CONDIÇÕES DE TRABALHO

Cerca de quatro milhões de americanos se empregam em serviços especializados. Médicos e enfermeiros, advogados, um sem número de professores, escritores, artistas, editores, músicos e jornalistas, além de muitos honores de ciência que ministram o ensino nas Universidades ou trabalham em laboratórios. Aqui, procuram encontrar-se novos métodos para a cura de doenças, novas máquinas que tornem mais eficientes as fábricas, novos meios para conseguir o aumento de rendimento do trabalho e outros formas de facilitar a

todos melhores condições de vida. Foram estes cientistas e inventores, talvez mais que qualquer outros trabalhadores, que conseguiram levantar tão alto o nível industrial da América.

Mas os trabalhadores americanos são privilegiados, não só pelas suas possibilidades de estudo, mas, também pelas esplêndidas condições de trabalho a que estão sujeitos: o Governo exige que as horas de trabalho não sejam tantas que possam prejudicar a sua saúde e estabelecer ordenações que lhes garantam a possibilidade de se sustentar a si e a família, com relativo conforto. As fábricas devem manter-se em perfeito estado de asseio, para que a sua saúde seja resguardada, devendo também, os que trabalham com aparelhos perigosos, ser rodeados de toda a possível protecção. No caso de um operário sofrer qualquer desastre durante o serviço, há uma lei que obriga o patrão a continuar a pagar-lhe o salário. Na maior parte dos estados americanos, qualquer cidadão que perca o emprego é auxiliado monetariamente pelo governo, para que se possa manter até que consiga outro, sendo este sistema conhecido por seguro de desemprego. Aos inválidos para o trabalho, em virtude de avançada idade, são concedidas pensões de velhice. Todos estes benefícios são concedidos pelo Estado, com a cooperação dos empregados do país.

Em várias indústrias, os operários reúnem-se em associações que lutam pelos seus interesses, intercedendo junto dos patrões para possíveis aumentos de ordenado, melhoria de horas de trabalho, para impedir que alguém seja despedido in-

justamente, auxiliando desempregados a conseguir trabalho e, duma maneira geral, cuidando dos interesses dos seus associados. As relações entre as associações e os patrões são geralmente amigáveis e de cooperação.

BENEFÍCIOS ESPECIAIS

É comum o patrão proporcionar determinados benefícios aos empregados. Várias companhias constroem confortáveis casas que alugam aos seus operários a preços incomparavelmente inferiores aos das outras habitações. O operário também poderá desfrutar as possibilidades fornecidas pelo patrão de praticar desporto a custo de despesa, sendo, ainda, a sua saúde, objecto de grandes cuidados.

É certo que nem todos os trabalhadores nos Estados Unidos desfrutam de cada uma destas vantagens. Mas, também é certo que a maior parte ganha suficientemente bem, para proporcionar a si e aos seus certo conforto, bem-estar e alegria.

Temos, assim, uma razão por que o americano trabalha acaladamente com tanto vigor e vontade, para produzir o material que tornará possível a vitória das Nações Unidas contra os países do Eixo de onde que a luta em que as Nações Unidas estão empenhadas visa à felicidade e bem-estar dos trabalhadores, não só da América, mas do mundo inteiro.

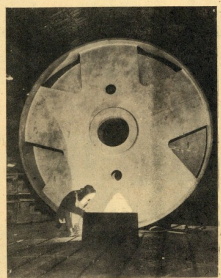
CADA qual nos Estados Unidos disfruta de iguais oportunidades para escolher o género de trabalho que deseja e para o qual se sente com melhores aptidões. É assim a democracia, que a todos oferece, sem distinção, as mesmas possibilidades. Não é raro ouvir-se falar de pessoas integrantes que empacaram, ou de crianças de humildes famílias que cresceram e vieram a ser presidentes, senadores, ricos negociantes ou grandes homens de ciência. Sob um governo democrático, todos podem prosperar, de acordo com as suas faculdades de aplicação pessoal.

Pelas suas enormes riquezas naturais, pelas suas múltiplas indústrias, os Estados Unidos oferecem vastíssimas condições de trabalho a homens e mulheres. Cerca de uma quarta parte da população ocupa-se na lavagem; a colheita das riquezas naturais do país proporciona trabalho a mais de cinco milhões de pessoas; na costa do Pacífico e outros pontos de densa florestação, antecorrem-se em abundância, milhares de trabalhadores que aliam as poderosas fôrças e arram a madeira das grandes florestas; a pesca é outra actividade em que os americanos se empenham, nas costas do Atlântico e do Pacífico; no campo petrolí-

feros do país, que se situam principalmente no sul, os homens manuseiam as máquinas, na extração do ouro negro; nos jazigos carboníferos da costa oriental, nas minas de ferro do norte e muitos pontos onde se encontram valiosos jazigos mineiros, milhares de mineiros trabalham com afã, oferecendo mais riquezas ao país.

Entretanto, cerca de oito milhões de outros operários trabalham nas fábricas que convertem essas matérias-primas em artigos de toda a espécie. A América é o país da produção em massa, onde o fabrico é levado a efeito com o auxílio de máquinas, além de que o operário possui o produto mais em menor espaço de tempo. As múltiplas fábricas do país são providas de poderosas maquinarias habilmente manuseadas pelos operários e movidas, geralmente, a electricidade produzida pela força hidráulica ou pelo carvão.

O método de trabalho mais usado na indústria dos Estados Unidos é conhecido por carreira de montagem. Por este método, o trabalho de fabricação de um determinado produto é dividido entre vários operários que, de tantas vezes fabricam uma determinada peça componente: se tornam habéis e de produção acelerada. Se um só operário se dedicasse ao fabrico de



Esta máquina eléctrica produz miúda e melhor e com menos esforço humano.



A segurança dos homens e dos materiais exige cuidados de inspecção especial.



BULGARIA

Boris III, na Bulgária, é filho dos destinos do país e de elaboração com a política do Eixo. Aqui o monarca, anteriormente a uma conferência militar.



ROMENIA

Também o jovem Miguel, sucedido a seu pai, o rei Carol, ficou junto do seu povo, de mãos dadas com a política do Eixo. Este soldado que lhe condensa o sentido.



INGLATERRA

Jorge VI e Isabel da Inglaterra fazem em guerra a vida de paz. O protocolo, tão cheio de tradições britânicas, convenceu com o mesmo rigor com que se tratam e acreditam plenamente da vitória, sob o signo real. Aqui vemos ao rei com o insinuariedade da Ordem da Jarretina.

QUEM SÃO E COMO VIVEM OS REIS DOS PAISES EM GUERRA?

Já vel bastante longe essa época rianha e galante em que os reis simbolizavam o Estado. Hoje um país é definido não apenas pela sua geografia, mas também pelo seu povo e pelo seu destino. Os reis de ontem — tem parecido ao rei de hoje, é, talvez, não ao mesmo ao tempo e ao mesmo tempo — não parecem ser mais do que homens que vivem, pensam, trabalham e morrem. Hoje não são apenas o símbolo de uma nação, mas também a personalidade da nação presente. Hoje são não apenas o símbolo de uma nação, mas também a personalidade da nação presente. Hoje são não apenas o símbolo de uma nação, mas também a personalidade da nação presente.



HOLANDA

A antiga mulher que ocupa um trono, na Bélgica: Guilielmina, que sempre prefere a adoração do Parlamento americano. Esta refugiada em Londres.



YUGOSLAVIA



ITALIA

Como Jorge VI, Victor Manuel III ficou no seu país em guerra. Vinte e oito conversando com um realista de velho, um velho, um velho, um velho, um velho.



DINAMARCA

Cristiano X, da Dinamarca, em seu país. Este soldado que lhe condensa o sentido.

SUECIA

Como Portugal, como a Suécia, como a Espanha e como o Portugal — a Suécia defende ferocemente a sua independência e a sua neutralidade, contra tudo e contra todos. A fronteira dos destinos do grande país, o rei Gustavo V. A mais que um símbolo: é a própria vontade do povo.



NORUEGA

ALBANIA

GRECIA

O rei Zog, a rainha Christina, da Albânia, ocupada em convencer a democracia pela justiça, não será a esperança de liberdade de seu povo.

Haakon, da Noruega, que conversa com a grande maioria da nação, consolida e firma do seu povo e dirige os seus destinos no exílio.

Também Leopoldo III, da Bélgica, ficou no seu país mas hoje, ao figurar no lado de uma filiação, em condições mais exigentes: primeiro notadamente.

notas da semana



À ESQUERDA: O sr. dr. Artur Rocha, alijado pelo fim de idade, foi alvo de significativa homenagem por parte dos seus colegas e pelo pessoal do hospital do Régo, onde prestou assinaláveis serviços, durante largos anos. — À DIREITA: Com o seu encanto pessoal e os conhecimentos que a longa prática lhe proporcionou, o realizador inglês Leslie Howard tem prendido a atenção dos portugueses através de lições a que dá carácter de palestra, sobre a técnica do cinema. Esta foto foi tirada depois de ter falado no teatro Nacional D. Maria II.



À ESQUERDA: Miguel Ângelo, o apreciado compositor português do século XIX, foi recordado, por ocasião do centenário do seu nascimento, no Clube dos Fenianos. O conferencista, que vemos na foto ao lado de todos os seus colaboradores na sessão, foi o sr. Bernardo Daclano. — À DIREITA: A Sociedade de Ciências Médicas não esqueceu a obra do prof. José Gault. A sessão, que promoveu, e em que falou o sr. prof. dr. Henrique de Vilhena, foi uma justa homenagem à memória do sábio médico.



À ESQUERDA: Pode dizer-se que toda a família comercial de Lisboa se reúne no passado domingo — pois serão poucos os que, de actividade no comércio, vivam alheios aos bancos do velho Ateneu Comercial. No almoço de confraternização estiveram os antigos e actuais alunos, direcção e corpo docente daquele estabelecimento. — À DIREITA: O sr. dr. José Augusto de Cesário Alvim, delegado do D. I. do Brasil, com o dr. Gastão de Bettencourt, José Castelo e outros colaboradores que tomaram parte no programa da Rádio-Renascença, comemorativo da descoberta do Brasil.



SANTANA viu assim Ferreira de Castro: um mundo de tragédia a agitar-se-lhe no espirito e na inteligência ficada; um estigma de sofrimento, uma ponha de tronia que vive nele e nos livros. De facto, poucos escritores serão tão bom retrato de sua obra como Ferreira de Castro — um novo que é já um laureado, com uma obra sólida, resistente desde a primeira machadada na escaleira, é como se a ancestralidade trágica do povo da sua provincia — é beirão, Ferreira de Castro — visse em todas as páginas do autor de « Terra Fria », porventura o romance que vive mais como romance na obra do illustre escritor. É essa tristeza bisonha de beirão, que se transporta para os rituais do Brasil, para Lisboa, para as terras do Barroso e que dão a « Volta ao Mundo », no fundo, é o mesmo trazo do homem curvado para o campo, na luta sem remédio pela conquista da pão e da felicidade...

SANTANA



Red Huckle

LIQUEUR

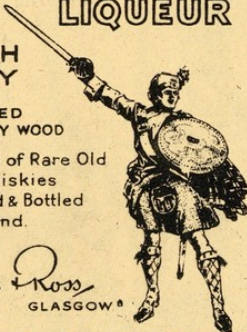
SCOTCH WHISKY

GUARANTEED AGED IN SHERRY WOOD

An exquisite Blend of Rare Old Highland Whiskies Distilled, Blended & Bottled in Scotland.

Proprietors:

Hebburn & Ross
GLASGOW



CHEGOU A PORTUGAL ESTE FAMOSO WHISKY

Pedidos a

J. Nunes da Silva
Rua do Corpo Santo, 16, 1.º - Lisboa
Telefone 2 5498



M'EUCLAY

OS MELHORES PRODUTOS DE BELEZA E PERFUMARIA

BREVEMENTE A VENDA NO MERCADO SÉRIE DE LUXO

Marlice



APRESENTADA PELA

SOC. PORTUGUESA DE PERFUMARIA, L.ª
RUA RODRIGO DA FONSECA, 87 TELEF. 45610

tion at our Head Office, Linguaphone House, 207, Regent Street, W.1. (Opposite Liberty's)

To the Linguaphone Institute (Dept. D.12), Linguaphone House, 207 Regent Street, London, W.1. Please send me, post free, your 26-page book about the quick, new and easy Linguaphone way of learning languages. I am interested in the language(s)

CREMES

PARA DE DIA E PARA DE NOITE

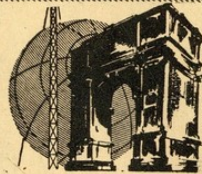


ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA
Avenida da Liberdade, 35
Telef. 2 1866 - LISBOA
Os produtos de beleza RAINHA DA HUNGRIA



Para peles normais, embelezam, rejuvenescem e eternizam a mocidade. Salões de estética e de tratamento de beleza por processos científicos.

ESCUtai



ROMA

NOVO HORÁRIO NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA TODOS OS DIAS

Horas de Portugal	Programa	Postos	Metros	Kc/s
7.40	Noticiário	2 RO 21	19.92	15060
		2 RO 4	25.40	11810
12.20	Comunicado de guerra	2 RO 17	15.31	19590
		2 RO 8	16.84	17820
13.30	Noticiário	2 RO 8	16.84	17820
		2 RO 21	19.92	15060
17.00	Noticiário	2 RO 17	15.31	19590
		2 RO 4	25.40	11810
21.00	Noticiário	2 RO 3	31.15	9030
		2 RO 6	19.61	15300
21.40	Noticiário	2 RO 4	25.40	11810
		2 RO 18	30.74	9760
23.30	Noticiário	2 RO 11	41.55	7220
		2 RO 26	48.23	6220
			221.10	ondas médias
23.30	Noticiário	2 RO 6	19.61	15300
		2 RO 19	29.04	10390
		2 RO 18	30.74	9760

CONVERSÇÕES EM LINGUA PORTUGUESA

21.10	Aos domingos	39.80
21.20	As quartas-feiras	31.41

E. I. A. R. CENTRO RADIO IMPERIALE

VIDA MUNDIAL

ILUSTRADA

NOVOS PREÇOS DE ASSINATURA

CONTINENTE E ILHAS ADJA- CENTES	ESTRANGEIRO (com convenção)
3 meses (13 números)..... 13\$00	6 meses (26 números)..... 40\$00
6 " (26 ")..... 26\$00	12 " (52 ")..... 80\$00
12 " (52 ")..... 52\$00	ESTRANGEIRO (sem convenção)
ÁFRICA PORTUGUESA	6 meses (26 números)..... 47\$00
12 meses (52 números)..... 68\$00	12 " (52 ")..... 94\$00

"VIDA MUNDIAL ILUSTRADA", é composta e impressa nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.ª - Travessa da Condessa do Rio, 27 - Lisboa. - Distribuidores exclusivos para Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º - Telefone 2 6942.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

7 DIAS de cinema

POR FERNANDO FRAGOSO

CASEI com um Anjo levantou celeuma, nas hostes da crítica. Nenhum outro filme, na presente temporada, provocou comentários tão contraditórios. Enquanto uns asseveraram estarmos em presença dum filme imerecedor de outra referência, que não fosse a sua condenação formal e absoluta, alguns foram de opinião de que «Casei com um Anjo» não era, afinal, tão mau como parecia... Para os primeiros, o espectáculo redundou numa maçada. Para os segundos, constituiu um divertimento.

Longe de nós a pretensão de dizer a última palavra... Longe de nós, também, a ideia de quererem servir de fiel na balança. Mas porque a discussão interessa, e porque os meus cinco fiéis leitores talvez esperem, desta página, uma indicação que lhes estimule o interesse pelo filme ou esclareça as dúvidas de que o mesmo lhe deixou, aqui estamos a dizer alguma coisa sobre ele — alguma coisa do muito que poderíamos dizer e escrever, se quisessemos dissertar sobre o tema eterno que oscila entre estes três limites: o espectáculo, o público e a crítica.

Como nas comédias de Robert, de Flers e de Callavet — que giram em redor do triângulo: marido, mulher e... o «outros» — raras vezes é possível pôr os elementos de acordo, no mesmo risinho e feliz happy-ends...

* * *

A opereta «I Married an angel», era, no cinema, como se diz, um ósso muito duro de roer. Tanto assim, que o filme foi anunciado, há duas ou três épocas; chegou a ser começado por outro cineasta — se não estou em erro, Ro-



Jeannette Macdonald e Nelson Eddy, no filme que nos conta o romance dum homem que, em sonho, se casa com um anjo...

bert Z. Léonard — para, mais tarde, ser abandonado, e por fim recomçado e acabado, dois anos volvidos, pelo malogrado W. S. Van Dyke.

Se o leitor não viu o filme, dificilmente ajuizará do convencionalismo do argumento e das situações, que se admitem facilmente num palco, como estrutura dum espectáculo musicado, mas que não possuem aquêle mínimo de verosimilhança de que o cinema não pode prescindir, sem grave prejuízo. Imaginem que a opereta cantos e romance de um nobre banqueiro, versão húngara do volível e inconsequente Danilo, o qual deveria casar-se para evitar uma «corrida» ao Banco.

A roda do Casanova — incarnado por Nelson Eddy, com a falta de convicção tradicional — pululam as Suly, as Manons, as Toinons, de Budapest. Mas o banqueiro, que conhece as mulheres, e foge do casamento, como o diabo da cruz, jura que «só se casará com um anjo»...

Ora acontece — e estas coisas só sucedem nas fitas — que a Jeannette MacDonald é uma ignorada dactilógrafa do Banco. E o nosso Danilo, que promoveu intimamente o pessoal feminino à categoria de odaliscas, e se serve do Banco, como dum harém bem sortido — nem sequer falta o eunuco, de grandes barbas e olhos complacentes — o nosso Danilo, experiente em mulheres, nunca se interessou pela Jeannette, talvez por causa daquele arzinho de sonsa, com que copia cartas e officios... Uma colega, que fora convidada para o baile do aniversário do Conde, para se vingar dela, entrega-lhe um convite, e como duma festa «masquée» se trata, procura ridicularizar a «mosquinha-morta», fazendo-a surgir naquêl bacanal, controlada pelo sr. William Hays, com uma camisa de noite pingona, um resplendor de Santo António de barro, e duas asas douradas, penduradas nas costas, que lhe dão o ar de adolador e caricato duma galinha branca, depois de uma carga de água... E Jeannette entra na festa, vestida de anjos... Grande troça, chacota geral, mas o certo é que o Conde dança com ela e interessa-se pelo seu encanto de menina, que, parecendo não quebrar um prato, é capaz de deitar a prateleira abaixo...

Os sapatos, por vezes, pregam partidas, mesmo aos nobres requestados e em dia de festa rija... E o nosso conde, para aliviar os pés doridos, sobe ao seu quarto, deita-se num canapé e adormece profundamente, após uma discussão sobre os problemas banco-sentimentais, que o levam, uma vez mais, a insistir na sua afirmação: «só me casarei com um anjo».

O conde adormece, como dissemos — o que aliás não é muito lisonjeiro para os convidados — e sonha. Aparece-lhe — então um anjo, que não é outra senão a própria Jeannette Macdonald, desta vez com asas de cisne — e que faz lembrar os «anjos de procissão, filhos de «mordomo» rico, em festa de aldeia»...

Apaixonado o príncipe casa-se... E como a sonhar, se anda depressa, aí vão os dois, pelas nuvens, até Paris... O anjo, que já perdeu as asas — desapareceram na primeira noite de amor!... — é duma pureza e duma candura tal, que por vezes faz o desespero do conde, nomeadamente quando, em festas mundanas, se atreve a dizer exactamente aquilo que pensa, sem maldade de qualquer espécie...



Carole Bruce a encantadora vedeta americana

E o resto da história, que bem pouco é — não interessa para o nosso caso.

* * *

Não há dúvida de que o assunto tem graça e originalidade. Não há dúvida também de que poderia ser melhor concebido e melhor realizado. Mas Hollywood, desta vez, como em muitas outras, quis seguir, de perto, a opereta, mesmo com o prejuízo do convencionalismo que lhe era próprio. Eu concordo que tudo, neste filme, poderia ter sido mais cuidado. Os «décors», dum modo geral, são maus, sem a fantasia, que a acção onírica autorizava — e exigia. Mas, em conjunto, o espectáculo divertiu-me. Ri e sorri, com o adorável frete de Jeannette Macdonald, suportando sobre os ombros toda uma armação de penas, na encarnação barata de anjo de oleografia. Diverti-me com a «fanchada» daquele baile «masquée» — que me fez parecer excelente a festa similar de «O Costa do Castelo». E, em conjunto, «Casei com um anjo» proporcionou-me despreocupada distração, com momentos de boa música e algumas gargalhadas de permissão.

Pergunto: estaremos em presença dum espectáculo falhado? Quero crer que não: Porque se assim fosse, aquêl filme, pela natureza especial das suas condições espectaculares, seria «corrido» com a mais estronhada das «pateadas» ouvidas em salas portuguesas... E nada disto se verificou...

* * *

Sem pretender ser um filme com moral — o que não quero dizer, nem por sombras, que seja imoral — pode tirar-se de «Casei com um Anjo» a moralidade duma velha fábula: «Se as mulheres diabólicas são de temer, fuja-mos também dos «anjos» a sete pés... «A terra cada vez se afasta mais do Paraíso de Adão e Eva, e os anjinhos com asas, não encontram clima propício, para a sua bondade e para a sua candura. O mal não está nas qualidades que os distinguem, mas neste mundo que os homens (e as mulheres, porque não!) fizeram a imagem das suas ambições e dos seus defeitos...

ALTO E BAIXO

SSE dia de liver-
no, decisivo para
a boa, recon-
trova no Merry-
llars, o lã nã o
com certa auto-
dade o relógio de
pauco. Ela andava
em chegar. Bebeu
mas um pic de
ewiky. O humo azulado dos
cigarros formava uma névoa cor-
na sua, onde alguns peões tomavam
chá e flirtavam. Crádo, de negro e
branco, movendo-se por entre as
massas, atencioso e impetuoso como
nosso. Uma véna azul, de lábios
rubros, entre relaxado e con-
centrado, olhava o primeiro presen-
te.

Ele pensou, mas uma vez, na
mulher que esperava, imaginando
Na sua vida, as mulheres passavam
rápidas e fugitivas num andar ondulante.
Mas entre elas aquelas apaisi-
adas, com olhos impavidos, não seu
pensamento. As restantes desvia-
ciam-se no empuqamento, com o
acender. Não se aproximou o fuzo, e
ela não se deu a volta.

— Como sempre, querida,
— Perdoe. Tinha uma visita im-
portante. Ficarei que amanhã
preciso de um ewiky.
— Faria qualquer coisa para
Wanda saber a mala e mino-se
sem nenhum impavido, não seu
pensamento. As restantes desvia-
ciam-se no empuqamento, com o
acender. Não se aproximou o fuzo, e
ela não se deu a volta.

— Ela nunca se dava conta
de nada. O retratamento que estava
nos seus olhos, por exemplo, um
retratamento incompreensível que
ela não via. E certos silêncios livres-
tos que caliam entre os dois, deturpa-
dos e emborçados como simplifica de um
mesmo crime.

— Ela procurava ocultar-lhe qual-
quer coisa, talvez abalar uma vez
seus nervos.
— O seu olhar procurava avarer o
monstrado do olhar. Ela voltava
os olhos.
— Venho atreído!
— Na sua frente, Wanda olhava-o
com horror.
— Como sempre, querida,
— Perdoe. Tinha uma visita im-
portante. Ficarei que amanhã
preciso de um ewiky.
— Faria qualquer coisa para
Wanda saber a mala e mino-se
sem nenhum impavido, não seu
pensamento. As restantes desvia-
ciam-se no empuqamento, com o
acender. Não se aproximou o fuzo, e
ela não se deu a volta.

— Ela nunca se dava conta
de nada. O retratamento que estava
nos seus olhos, por exemplo, um
retratamento incompreensível que
ela não via. E certos silêncios livres-
tos que caliam entre os dois, deturpa-
dos e emborçados como simplifica de um
mesmo crime.

— Dependo. Um caminho traçado
provariam ter-lhe em estado.
E desastrosamente procurou-lhe a
outra parte, correto ríspido.

— Dependo. Um caminho traçado
provariam ter-lhe em estado.
E desastrosamente procurou-lhe a
outra parte, correto ríspido.

— Dependo. Um caminho traçado
provariam ter-lhe em estado.
E desastrosamente procurou-lhe a
outra parte, correto ríspido.

— Oh! Gustavo, não estás a fa-
tar-se a dormir...
— Ele calou com um beijo o pro-
prio.
— Deu-te a palavra?
— Deu-te a palavra?
— Deu-te a palavra?
— Deu-te a palavra?

— Dependo. Um caminho traçado
provariam ter-lhe em estado.
E desastrosamente procurou-lhe a
outra parte, correto ríspido.

— Dependo. Um caminho traçado
provariam ter-lhe em estado.
E desastrosamente procurou-lhe a
outra parte, correto ríspido.

— Dependo. Um caminho traçado
provariam ter-lhe em estado.
E desastrosamente procurou-lhe a
outra parte, correto ríspido.

— Dependo. Um caminho traçado
provariam ter-lhe em estado.
E desastrosamente procurou-lhe a
outra parte, correto ríspido.

— Dependo. Um caminho traçado
provariam ter-lhe em estado.
E desastrosamente procurou-lhe a
outra parte, correto ríspido.

— Dependo. Um caminho traçado
provariam ter-lhe em estado.
E desastrosamente procurou-lhe a
outra parte, correto ríspido.

— Dependo. Um caminho traçado
provariam ter-lhe em estado.
E desastrosamente procurou-lhe a
outra parte, correto ríspido.

— Dependo. Um caminho traçado
provariam ter-lhe em estado.
E desastrosamente procurou-lhe a
outra parte, correto ríspido.

— Dependo. Um caminho traçado
provariam ter-lhe em estado.
E desastrosamente procurou-lhe a
outra parte, correto ríspido.

— Dependo. Um caminho traçado
provariam ter-lhe em estado.
E desastrosamente procurou-lhe a
outra parte, correto ríspido.

— Dependo. Um caminho traçado
provariam ter-lhe em estado.
E desastrosamente procurou-lhe a
outra parte, correto ríspido.

— Dependo. Um caminho traçado
provariam ter-lhe em estado.
E desastrosamente procurou-lhe a
outra parte, correto ríspido.

— Dependo. Um caminho traçado
provariam ter-lhe em estado.
E desastrosamente procurou-lhe a
outra parte, correto ríspido.

— Dependo. Um caminho traçado
provariam ter-lhe em estado.
E desastrosamente procurou-lhe a
outra parte, correto ríspido.



As noções de ler a carta...

— Ela nunca se dava conta
de nada. O retratamento que estava
nos seus olhos, por exemplo, um
retratamento incompreensível que
ela não via. E certos silêncios livres-
tos que caliam entre os dois, deturpa-
dos e emborçados como simplifica de um
mesmo crime.

— Ela nunca se dava conta
de nada. O retratamento que estava
nos seus olhos, por exemplo, um
retratamento incompreensível que
ela não via. E certos silêncios livres-
tos que caliam entre os dois, deturpa-
dos e emborçados como simplifica de um
mesmo crime.

— Ela nunca se dava conta
de nada. O retratamento que estava
nos seus olhos, por exemplo, um
retratamento incompreensível que
ela não via. E certos silêncios livres-
tos que caliam entre os dois, deturpa-
dos e emborçados como simplifica de um
mesmo crime.

— Ela nunca se dava conta
de nada. O retratamento que estava
nos seus olhos, por exemplo, um
retratamento incompreensível que
ela não via. E certos silêncios livres-
tos que caliam entre os dois, deturpa-
dos e emborçados como simplifica de um
mesmo crime.

— Ela nunca se dava conta
de nada. O retratamento que estava
nos seus olhos, por exemplo, um
retratamento incompreensível que
ela não via. E certos silêncios livres-
tos que caliam entre os dois, deturpa-
dos e emborçados como simplifica de um
mesmo crime.

— Ela nunca se dava conta
de nada. O retratamento que estava
nos seus olhos, por exemplo, um
retratamento incompreensível que
ela não via. E certos silêncios livres-
tos que caliam entre os dois, deturpa-
dos e emborçados como simplifica de um
mesmo crime.

— Ela nunca se dava conta
de nada. O retratamento que estava
nos seus olhos, por exemplo, um
retratamento incompreensível que
ela não via. E certos silêncios livres-
tos que caliam entre os dois, deturpa-
dos e emborçados como simplifica de um
mesmo crime.

— Ela nunca se dava conta
de nada. O retratamento que estava
nos seus olhos, por exemplo, um
retratamento incompreensível que
ela não via. E certos silêncios livres-
tos que caliam entre os dois, deturpa-
dos e emborçados como simplifica de um
mesmo crime.

— Ela nunca se dava conta
de nada. O retratamento que estava
nos seus olhos, por exemplo, um
retratamento incompreensível que
ela não via. E certos silêncios livres-
tos que caliam entre os dois, deturpa-
dos e emborçados como simplifica de um
mesmo crime.

vista. Ele evitava escrever a palavra maldita que, no entanto, surgia bem nítida. Teve a sensação do abismo que se abria sob os pés, as paredes inclinavam-se sobre ela, os objectos oscilavam. Deixou-se cair paralizada numa cadeira. Só então reparou que segurava ainda entre os dedos uma nota de cinquenta escudos que viera dentro da carta, certamente a paga das últimas horas que lhe concedera.

Largou-a bruscamente como se lhe queimasse os dedos. Crispou a mão na folha de papel. A dor que o seu rosto reflectia não teve vaso, era uma dor sem lágrimas, violenta...

Passados os primeiros momentos de inconsciência, invadiu-a uma calma fria. Colocou o casaco sobre os ombros e saiu. Deixou-se ir, levada pela multidão que desilava como torrente pelas ruas: era um barco sem rumo, uma ave sem ninho. No passeio, um rapaz apertava nas mãos limões verdes e amarelos. Ofereceu: «Quere limões, minha senhora?».

Sentia na carne a dor produzida pela chicotada que ele lhe vibrara. Mas a culpa não era só sua. Gustavo, antes de casar, traçara um caminho, seguiu-o sem se desviar e preocupava-se mais com os estudos científicos do que com ela. E para afastar o tédio, que cala como um véu negro, procurava distrair-se em

pequenos nada onde uma mulher qualquer mergulha sem perigo. Não procurara aventuras. Um dia ele surgira. O que julgara ser uma aventura passageira prendeu-a fortemente. Não era amor: era algo desconhecido mas forte. Agora, apesar de Gustavo lhe ter colocado o seu destino nas mãos sentia-se numa encruzilhada: qualquer que fosse o caminho seguido haveria sempre entre ambos uma sombra, uma mancha inapagável. Não poderiam esquecer. O passado existe sempre, quer queiramos quer não. Que caminho havia de seguir? Sentia-se só, abandonada, a caminho do desconhecido. E, súbitamente, como um raio de sol atravessa as névens e rasga a escuridão Wanda compreendeu o único caminho a tomar.

O automóvel parou tardiamente, numa travagem brusca, rangendo os pneus sobre o asfalto. Algumas pessoas correram. Um polícia agitou os braços desesperadamente e soltou um apito agudo. Mãos piedosas de desconhecidos ergueram o corpo onde um coração deixara de bater. A grande calma chegara enfim para essa mulher inquieta que se agitara loucamente na vida, borboleta estonteada num belo dia de Primavera, em busca de alguma coisa que pressentira mas não pôde obter.

CRISTÓVAO SILVA

A ESCRITA REVELA O CHARACTER

Por CLOTILDE RANDI

A BANDONANDO os caminhos batidos e rebatidos do empirismo — que foram no entanto a glória justa dos primeiros grafólogos — para entrar no terreno científico, a grafologia introduziu a razão e a lógica na interpretação dos sinais da escrita.

Substituiu o acaso e a fantasia, pela solidez dos conhecimentos da fisiologia.

A escrita é um gesto dum admirável complexidade, uma das formas mais eloquentes da expressão. É a conclusão objectiva dum trabalho profundo do sub-consciente e a tradução de estados de alma infinitamente variados.

Basta observar uma conversa entre duas pessoas, as suas contínuas mudanças de mímica, os movimentos traçados no espaço, pelas suas mãos, as curvas, as projecções centrifugas ou centripetas, os gestos mais complicados, para discernir de tudo isto que uma tal cinematista não é fruto do acaso e que nada tem do gesto do maníaco obcecado, ou do alienado incoerente.

Se em pensamento se reduzem estes gestos manuais, que parecem perder-se no espaço em todos os sentidos, a pequenos movimentos retilíneos numa folha de papel, o gesto se encontra assim fixado, automaticamente desenhado e correspondendo aos estados de consciência que elles oferecem aos nossos olhos observadores.

A cinematista é uma espécie de acrobacia gráfica, onde nós sabemos ler sem trabalho.

Reduzida à escrita é mais enigmática, à semelhança de toda a síntese simbólica. Compete ao grafólogo analisar o porquê das suas variedades.

Contemplar a escrita, é ver a alma em acção. É o maravilhoso é que o gesto gráfico revelando tal estado passional é em toda a parte o mesmo, exprimindo o mesmo estado em todos os indivíduos.

A análise gráfica é um verdadeiro trabalho de ciência e de observação. A escrita é a verdadeira psicologia

traduzida em sinais gráficos, donde a necessidade do grafólogo ser um prático nas disciplinas da psicologia experimental moderna, para não cair na audácia dos empiricos e dos adivinhos, exploradores da vasta galeria dos créditos.

Cada escrita diz H. S. Morano, apresenta um gesto bem típico do signatário, espécie de «tics» que salta periodicamente da sua pena.

Este «tics» é uma estereotipia fixada pela hereditariedade, e nos traços gerais, abstraindo dos indices particulares do escrevente, é comum a universalidade dos estados passionais e sentimentais. Tomemos dois espécimes de escrita pesada e fuselada (tipo de escrita em que os traços finos são cheios, como que inchados ao mesmo tempo). Esta fuselagem é um carácter comum que tem a sua significação geral. Mas reconhece-se que as duas fuselagens foram traçadas por mãos diferentes. Porquê?

Porque através desta floresta de sinais cada escrevente encontra meio de fixar a sua nota pessoal. Cada indivíduo guia a caneta com o «élan» que o anima, e a escrita torna-se uma página da sua própria vida.

Cada gráfico condensa a vida do escrevente traduzindo o seu temperamento.

CONSULTÓRIO

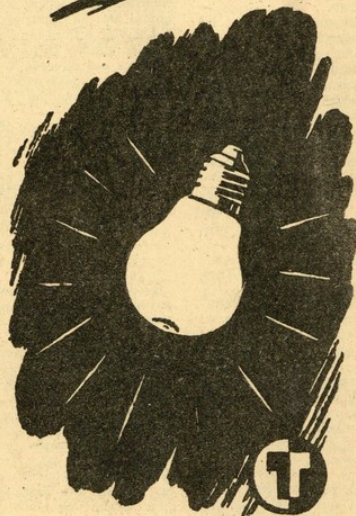
36 — FERA — *Apreciamos muito o seu feltto brincalhão e de boa pessoa no fundo. Em todo o caso não perca de vista a sua idade.*

37 — MARMAFON — *Carácter de vontade impulsiva com todas as suas consequências. Pobre de educação e carecido de cultura.*

38 — FERNANDINHO — LEIXOES — *Carácter de feltto práctico, embora sentimental, um pouco exaltado, aggressivo e contrátorio, mas tratável e capaz de se dedicar firmemente. Inteligência média. Góstos e instigação vulgar.*

39 — CARDO — *Inteligência acima da média, prejudicada por aborrecido enfatamento.*

Em toda a parte



TUNGSRAM

JAMES RAWES & Co.

AGENTES DE NAVEGAÇÃO E SEGUROS

Lloyd's Agents

Agentes de:

ROYAL MAIL LINES, LIMITED
(Mala Real Inglesa)

NORWICH UNION FIRE INSURANCE SOCIETY, LTD.
BRITISH OVERSEAS AIRWAYS CORPORATION
etc., etc., etc.

RUA BERNARDINO COSTA, 47, 1.º
Telefones: 23232-3-4 e 8 LISBOA

ESTÓRIA DA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Terrão *

Capítulo XIX - a França depois da derrota

4

O ROMPIMENTO FRANCO-BRITÂNICO

O rompimento franco-britânico consumou-se oficialmente no dia 4 de Julho. Depois de ter deliberado longamente, o conselho de ministros francês resolveu romper relações com a Grã-Bretanha, fundamentando a sua decisão no incidente de Maers-el-Kebir. Tratava-se, de resto, de consagrar um estado de coisas já existente. Desde 25 de Junho que o embaixador francês em Londres, sr. Corbin, fora chamado pelo seu governo. Aquelle diplomata que desempenhara um papel de grande relevô durante as negociações que precederam a eclosão das hostilidades, gozava de grande prestigio na capital britânica.

O rompimento das relações franco-britânicas foi oficialmente anunciado num comunicado official que resumia os fundamentos da decisão tomada nos seguintes termos:

«No momento em que a Grã-Bretanha acaba de cometer contra nós uma agressão contra os nossos navios ancorados na baía de Maers-el-Kebir, é indispensável fazer um breve resumo da história das nossas relações com a nossa amiga aliada, desde o inicio das hostilidades.

A politica externa da França foi, durante largos anos, ditada pelo desejo de não fazer nada que pudesse desagradar ou afastar-se da politica externa da Grã-Bretanha. A politica das sanções que nos separou da Itália foi apenas uma consequência dessa preocupação. A mesma preocupação ditou a nossa politica em relação à Europa Central e à Alemanha. As negociações que se concluíram pelo accordo de Munich foram conduzidas pessoalmente pelo sr. Chamberlain. Nós entramos em guerra acompanhando a Grã-Bretanha que foi a primeira a declará-la.

Desde o primeiro dia mobilizámos todos os homens válidos entre os 20 e os 47 anos. Esta mobilização abrangia cerca de três milhões de homens e interrompeu toda a nossa vida económica. Os nossos aliados enviaram-nos, durante o inverno cerca de 200 mil homens ou sejam dez divisões e depois disso não procuraram aumentar, nesse aspecto, o seu esforço de guerra».

UMA EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

A exposição do governo francês prosseguiu nestes termos: Desde que se desencadeou a offensiva inimiga na nossa frente e que pudemos avaliar o péso esmagador da máquina militar dos nossos adversários, nunca mais deixámos de insistir junto dos nossos aliados pedindo-lhes e reclamando détes reforços, especialmente em aviões. Fomos então obrigados a reconhecer que a Grã-Bretanha especialmente preocupada com a defesa do seu próprio território não queria consagrar à defesa do território francês a parte mais importante das suas forças.

Depois do desastre do Mosa e dois

dias depois de ter assumido o comando, o general Weygand pediu que o exercito inglês participasse em comum com os nossos próprios exercitos do Norte e com o exercito belga numa offensiva encaminhada para sudoeste que fosse capaz de quebrar a força do exercito alemão e operar uma junção com os nossos exercitos que se encontravam mais ao sul. O exercito inglês depois de ter, em principio, accedido esta sugestão, retirou-se para os nossos portos da costa norte a fim de reembarcar. Tivemos de ordenar então a retirada das nossas forças as quais lutaram até ao ultimo momento a fim de que se pudessem salvar quatro quintas partes do exercito inglês, quando já podia ser salva apenas metade da força francesa comprometida.

A nossa marinha de guerra, que a esquadra britânica acaba de atacar nas condições que são conhecidas, participou nessa operação em comum com a marinha inglesa com uma coragem que suscitou a admiração de todo o mundo, sacrificando para isso um número apreciável das suas unidades ligeiras. A partir desse momento fomos só nós a suportar o péso de um inimigo que possuía uma superioridade esmagadora em homens e em material. O nosso país foi devastado e a quarta parte da nossa população andou errante pelas nossas estradas.

O ATAQUE A MERS-EL-KEBIR

Referindo-se às condições em que fora assinado o armistício a exposição do governo francês afirmava o seguinte:

«Não tendo nenhum meio eficaz de resistir ao invasor, não dispozo de nenhuma força armada intacta o nosso governo teve de pedir o armistício. Este não enfraquecia os meios de resistência da Inglaterra pois esta linha retirado as suas últimas tropas do nosso territorio e nós não podíamos prestar-lhe qualquer auxilio.

A Inglaterra importava apenas a questão da nossa marinha de guerra e era desta precisamente que nós tinhamos feito uma questão de honra, declarando desde o principio que em nenhum caso consentiríamos que ela fosse entregue ao inimigo, mesmo que para isso tivéssemos de sacrificar todas as possibilidades de assinar o armistício. O marechal Pétain e eu proprio fizemos, a esse respeito, ao governo britânico, declarações que equivaliam às promessas mais solenes. O governo alemão não ignorava a firmeza da nossa decisão. Por isso, certamente, não exigiu a entrega da nossa esquadra. Se tivéssemos adoptado outra attitude certamente ter sido possível melhorar as condições em que tivimos de assinar o armistício.

Agimos sempre lealmente em relação aos nossos antigos aliados. O sr. Churchill declarou, quando da reunião do Conselho Supremo Inter-aliado, em 13 de Junho, que se a França não entregasse a sua esquadra ao inimigo, a Grã-Bretanha, mesmo em caso de paz separada lhe permaneceria fiel. Depois do armistício isso não impediu que tivéssemos continuado para o povo francês as mais duras provações. Esse povo batera-se desde o começo da offensiva quasi sózinho pela causa comum dos dois povos e suportou agora os bombardeamentos quasi incessantes da aviação inglesa que, sem descanso ataca os nossos portos. Mas a sua indignação e o seu espanto aumentaram ao saber que a marinha britânica, que tantas tradições honrosas possuiu, allara sobre os seus aliados da véspera depois de ter bloqueado com minas os navios de guerra franceses que, em cumprimento das cláusulas do armistício, estavam immobilizados na baía de Mers-el-Kebir.

UMA NOTA DO ALMIRANTADO FRANCÊS

A exposição de motivos apresentada publicamente pelo governo francês terminava pelas seguintes declarações:

«Os factos que acabamos de referir não podem deixar de exercer uma influencia profunda sobre a nossa orientação politica. As nossas relações com a Inglaterra entram numa nova fase. Tivemos, com tristeza que tomar a decisão de romper as nossas relações diplomáticas que é responsável pelo facto de ter corrido o sangue dos nossos marinheiros. Devemos recordar, a propósito, que já há dez dias a Inglaterra não tinha representação diplomatica em França, se bem que por diversas vezes tivéssemos encarregado o nosso representante em Londres de chamar a attenção do governo britânico para a necessidade de termos com ele um contacto directo».

No mesmo dia em que esta exposição era publicada em Vichy, em Berlim, de origem officiosa era também publicada uma nota sobre o assunto em que se afirmava, entre outras coisas:

«A delegação francesa na Comissão de armistício comunicou os incidentes que se suscitaram entre marinheiros franceses e ingleses. O Führer autorizou o governo francês a dar ordem aos seus navios para se afundarem no caso de não poderem impedir a confiscação inglesa. Esta decisão corresponde ao texto do armistício segundo o qual não é intenção do governo alemão apoderar-se dos navios da esquadra francesa mas apenas impedir que estes tomem parte na continuação da guerra contra a Alemanha».

Por sua vez o Almirantado francês publicou uma nota em que se dizia: «A esquadra da França deva permanecer francesa ou desaparecer. De qualquer maneira não merecia ser atacada por ordem do sr. Churchill que ainda no inverno passado pedira ao Almirantado francês para empregar as nossas forças na protecção aos comboios, visto que o Almirantado britânico não dispunha dos meios necessários para isso. O almirante Darlan não perdeu a chance de agradecer o que recebeu do sr. Churchill nessa occasião».

As cartas «HALDA»
produzem
boa impressão no cliente



Já alguma vez pensou na impressão que pode causar uma carta de bonito aspecto? Não só o leitor nota o conteúdo dessa carta, como, involuntariamente, se deixa influenciar com a sua aparência. A carta «HALDA» causa boa impressão; é digna representante da sua empresa. Peça uma demonstração e convencer-se-á da elegância da escrita «HALDA».

SOCIEDADE COMERCIAL LUSO AMERICANA, L.ª
RUA DA PRATA, 145 LISBOA
Telef. 12 5281

R. SÁ DA BANDEIRA, 339
P. Ô RTO
Telef. 1248

UMA SÉRIE DE INCIDENTES

Em 3 de Julho dava-se um novo incidente em que os navios mercantes das esquadras dos dois países. Os navios de guerra franceses que se haviam refugiado em portos britânicos, Plymouth, Southampton e que eram superiormente comandados pelo almirante Viennes, foram incorporados na esquadra da Grã-Bretanha depois de episódios sangrentos que tiveram em França uma penosa repercussão. No dia 6 do mesmo mês, o «Dunquez» que já havia sido atingido em Mers-el-Kebir era novamente atacado por forças da aeronáutica britânica.

Em 9 de Julho, o «Richelieu» era por sua vez atacado e avariado e no dia seguinte dois navios mercantes franceses o «Eli de France» e o «Pesteur» eram apressados por navios britânicos respectivamente em Singapura e no Canadá.

No dia 30 de Julho, o governo de Londres resolvia tomar medidas rigorosas quanto ao exercício do bloqueio pelo que a França e ao seu Império colonial dizia respeito. Em virtude dessas medidas, a França metropolitana, a Argélia e a Tunísia ficaram sujeitos ao regime a que já haviam sido submetidos os países que se encontravam em guerra com a Alemanha, o que se referia ao trânsito de mercadorias pelo mar. O governo de Washington interveio tentando remover as dificuldades que para a França resultavam da aplicação destas medidas. A França por sua vez argumentou que a sua situação, uma vez que abandonara os campos de batalha, devia ser considerada como um país neutro e como tal tratada de acordo com as leis internacionais que os beligerantes se haviam comprometido a respeitar. O ponto de vista inglês era o de que aquêle país devia ser equiparado a um país beligerante uma vez que não era possível praticar actos que contrariassem as necessidades do vencedor para a continuação da guerra. Assim o bloqueio tornou-se mais rigoroso com repercussões imediatas sobre a depauperada economia francesa.

Essa circunstância não deixou de influir igualmente no conjunto das relações entre os dois países que haviam sido aliados durante a primeira fase da luta.

O IMPÉRIO FRANCÊS

Entretanto as tentativas de dissidência verificadas em certas parcelas do Império colonial francês tinham concluído pela adesão de alguns desses territórios à causa do general De Gaulle. A Nova Caledónia, a Africa Equatorial e os Camarões tinham tomado essa decisão que não deixou de provocar as medidas consideradas indispensáveis pelo governo de Vichy para evitar que o movimento de dissidência se propagasse a outros territórios. Uma dessas medidas que mais tarde se revelou fértil em consequências foi a nomeação do general Weygand, como delegado geral do governo francês para os territórios do Norte de Africa, Marrocos, Argélia e Tunísia. Essa nomeação teve lugar em 7 de Setembro e o nomeado apresentou-se a tomar posse das suas novas funções.

As atribuições conferidas ao general Weygand eram muito latas e o período em que ele se exerceu correspondia a uma fase importante da evolução da guerra. Essa circunstância não deixou de influir na sua acção e na acção dos seus colaboradores entre os quais se contava o diplomata Salin Hardouin e alguns dos mais reputados e categorizados chefes do exército francês.

Ocupando-se do assunto o marechal Pétain dirigiu uma alocução radiofônica ao Império colonial em que afirmava: «A França perdeu a guerra. Três quintas partes do seu território estão ocupadas. O país prepara-se para conhecer um inverno penoso. Tem ao mesmo tempo de fazer face às tarefas mais rudes. A sua unidade, forjada em mil anos de esforços e de sacrifícios, permanece intacta. Essa unidade não pode ser posta em causa. Nenhuma tentativa, qualquer que seja a sua origem, deve prevalecer contra ela. O primeiro dever de todos consiste em obedecer. O segundo consiste em ajudar o governo sem pensamentos reservados e sem reticências. A voz da pátria o Império que constitui o seu mais belo florão, saberá certamente responder: Presentes».

O tom da alocução visava a evitar que se registassem novas manifestações de dissidência que acabariam por afectar a unidade do Império francês.

O BOMBARDEAMENTO DE MARSELHA

Em 24 de Novembro verificava-se um novo incidente entre ingleses e franceses, o qual, como os anteriores, teve as mais desagradáveis repercussões para as relações entre os dois povos. Durante um erro da aviação britânica sobre a cidade de Marselha foram lançadas vinte bombas incendiárias, resultando d'iste ataque quatro mulheres mortas e cinco outras pessoas feridas. O governo de Vichy formulou um enérgico protesto que o gabinete de Londres se recusou a aceitar.

Em 30 de Novembro ocorreu um episódio que, na altura, teve consequências de ordem política e sentimental apreciáveis. O sr. Jean Chippie, nomeado embaixador e Alto Comissário da França na Siria e no Líbano, encontrou, quando seguia de avião a ocupar o seu posto, a morte em circunstâncias dramáticas. Quando voava sobre o Mediterrâneo, o avião que o transportava foi atacado em pleno voo por um aparelho não identificado que o metralhou a meio caminho entre a costa da Sardenha e a costa de Africa. No momento em que o incidente se produziu travava-se um combate aéreo entre forças britânicas e Italianas.

Sobre o assunto transcreveremos o testemunho do sr. Jean Thouvenin, cuja estreita colaboração com o governo de Vichy lhe dá uma especial autoridade: «Das informações recolhidas pelo governo de Vichy resulta

que dois porta-aviões britânicos tinham lançado no ar vários aparelhos de caça. O avião da Air France, desarmado e pouco rápido, oferecia um alvo fácil. As autoridades Italianas preveniram do facto a Comissão de Armistício de Turim e mandaram proceder a várias pesquisas. Aviões franceses saídos de Tunis voaram sobre o local onde o drama se produziu, mas todas as pesquisas foram inúteis. O mesmo aconteceu com as pesquisas a que procedeu o contra-torpedeiro francês «Buffon».

Com o sr. Jean Chippie pereceram os membros da equipagem do avião que o transportava, o piloto Guillaumet e os tripulantes Reine, Le Duff, Franceses e Montaubin.

OS EFEITOS DO BLOQUEIO

Por outro lado, o bloqueio exercido pela esquadra britânica exercia-se com uma severidade crescente. No decurso do mês de Fevereiro de 1941 um navio francês, o «Ville de Marjunga», foi apressado por um cruzador britânico ao sul da cidade do Cabo. O número de navios de comércio franceses apressados pela esquadra inglesa elevava-se, nessa altura, a mais de cem. Os apressamentos tinham sido todos efectuados depois da conclusão do armistício, em Junho de 1940. No dia 12 de Março de 1941 o almirante Darlan occupou-se praticamente do assunto para afirmar que não consentiria mais no apressamento de barcos mercantes franceses porque não queria consentir que a população de França morresse de fome. Nestas

condições o governo francês resolveu mandar escortar os seus navios de comércio, quando em viagem, recebendo a esquadra instruções precisas nesse sentido.

Entretanto os americanos, e especialmente o Comité Hoover, constituíram comissões com o encargo especial de enviarem viveres para França. Essas organizações humanitárias de além-Atlântico mostravam-se particularmente impressionadas com o sofrimento das crianças francesas, as quais, mesmo nas circunstâncias mais difíceis, procuraram auxiliar. Esta política de auxílio ia, de resto, ao encontro da orientação preconizada e seguida pelo governo de Washington, o qual procurava evitar um rompimento com a França.

O marechal Pétain pronunciou, nessa altura, um importante discurso em que se occupou pormenorizadamente de todos estes assuntos e, de maneira especial, da cisão de Gaulle e das suas consequências sobre a unidade da nação francesa e do seu Império. «A todos aqueles que longe da pátria ou nas regiões equatoriais — disse — resistem corajosamente aos apêlos, às pressões e às ameaças, dirijo a expressão do reconhecimento nacional. A pátria continua aberta a todos. Aos franceses que se interrogam e duvidam, peço-lhes para medirem os progressos que o nosso país tem feito nos últimos nove meses. Entre essas realizações e as promessas enganadoras dos dissidentes a sua escolha está certamente feita».

(Continua)

○ mundo Industrial lubrifica com

Agip

FABRICA DE MASSAS
LUBRIFICANTES

MILHÕES

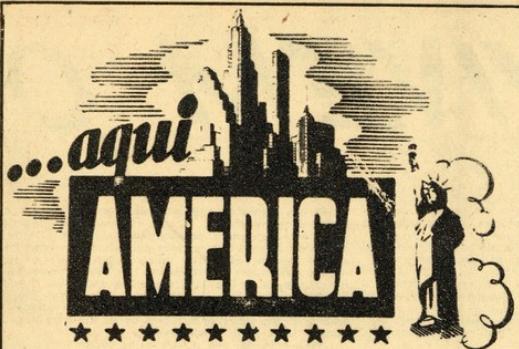
500 KILOGRAMOS

DE CAPACIDADE

DE PRODUÇÃO ANUAL

H. WILHELM & C. A.

AGIP



EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ESTAÇÕES	ONDAS CURTAS	
7.15	WFBX	31.1 m.	9.650 kc/s.
9.45	WRUW	49.6 m.	6.940 kc/s.
11.45	WBOS	49.9 m.	6.140 kc/s.
13.45	WBOS	25.3 m.	11.970 kc/s.
17.45	WBOS	19.7 m.	15.210 kc/s.
17.45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
19.45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
21.45	WGEO	31.5 m.	9.530 kc/s.
22.45	WGEO	31.5 m.	9.530 kc/s.
1.15	WDJ	39.7 m.	7.565 kc/s.

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

GALERIA DE LISBOA

EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE QUADROS A ÓLEO
DE BONS AUTORES, AGUARELAS, GRAVURAS
ANTIGAS A CÔR E A PRETO, DESENHOS,
LITOGRAFIAS, ESTAMPAS, MOBILIAS, POR-
CELANAS, FAIANÇAS E OBJECTOS DE
ARTE ANTIGA E MODERNA.

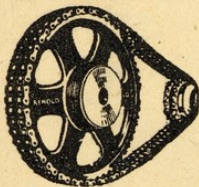
ABERTA DAS 10 AS 19 HORAS

Telefone 4 6873

LARGO DE ARROIOS, 273, 1.º

Antigo Palácio do Conde da Guarda

CORRENTES RENOLD



A TRANSMISSÃO MAIS PRÁTICA
ECONOMIA DE ESPAÇO
ECONOMIA DE FORÇA

TRANSMISSÃO POSITIVA COM
CERCA DE 99% DE EFICIÊNCIA

FUNCIONAMENTO SUAVE
LONGA DURAÇÃO

Harker, Sumner & C., L.ª

14, L. do Corpo Santo, 18
LISBOA

152, Rua José Falcão, 156
PÓRTO



— DE NOVO A PAZ NO ESCRITÓRIO

— Tem mais uma «FACIT»

Não é agradável ver os empregados a discutirem por causa das máquinas de calcular, e com toda a certeza não é, para a empresa, bom negócio. Uma ou algumas «Facit» mais de 10 teclas manejáveis, fazem com que o trabalho de calcular decorra mais tranqüilo, mais certo e mais rápido. Uma «Facit EA» — a máquina para uma só mão — é extremamente rápida e por igual conveniente para as quatro operações aritméticas. Além disso há um modelo especial com 19 algarismos no

registro dos produtos — «Facit» LX, ideal para os problemas extensos, cálculos sobre £, etc. Troque a pressa pela velocidade eficaz. Chame-nos e peça uma demonstração da «Facit» hoje mesmo.

A máquina de cálculo rápido

Facit

para as 4 operações aritméticas
— manual ou eléctrica



SOCIEDADE COMERCIAL LUSO AMERICANA, L.ª
RUA DA PRATA, 145 LISBOA
R. SÁ DA BANDEIRA, 339 PÓRTO
Telef. 2 3281 Telef. 1 248

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PAQUETE

“COLONIAL”

em 22 do corrente, pelas 12 horas, com escala por Leixões, recebe carga e passageiros para:

S. TOMÉ, SAZAIRE, LUANDA, LOBITO, MOSSAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA E MOÇAMBIQUE.

e para os demais portos, sujeitos a baldeação.

A carga para a Costa Ocidental tem o aumento de 20%.

Avisam-se os Snrs. Passageiros que toda a bagagem, sem excepção, está sujeita à fiscalização aduaneira, devendo ser apresentada para esse efeito na Delegação Aduaneira da Rocha do Conde de Óbidos até à antevéspera da saída.

Para tratar

LISBOA
Rua do Instituto Vergílio
Machado, 14
Telefone 2 0051

PÓRTO
Rua Infante D. Henrique, 9
Telefone 2342

COMO VIVEM OS PEIXES...

A vida misteriosa das águas do fundo do mar só se abate a descoberta. Os sábios e os submarinistas e cinegrafistas, embora sem preocupações de ordem científica. Mas a vida dos peixes que grandes aquários ou nos pequenos tanques de vidro que nós temos em casa com o "petisco" vermelho, esta não tem mistério nenhum. O cinema, de resto, grandes imagens de que são os magníficos aquários de Ambrósio, onde há plantas vivazes que são verdadeiras estufas em que se cresce as plantas. E a vontade como no fundo do mar. Mesmo não já tivemos um aquário recentemente instalado. Mas, hoje, com certos melhoramentos na construção de Avenida Marechal, foi possível obter bons peixes se edificarem onde está instalado o velho Aquário Vasco da Gama.

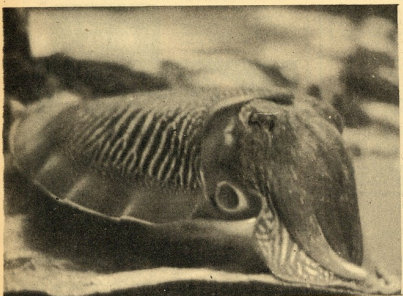
Muitos dos exemplares de fauna marinha já desaparecem — não valeria a pena saber ao certo por quê e temer que era bom remediar a falta — dos pequenos tanques de vidro, cheios de água salgada e água doce, os peixes se aborrecem. Aquário Vasco da Gama, onde o habitante ou o provinciano que vem a Lisboa, gosta de ir passar as tardes, principalmente as tardes de Verão.

NO AQUARIO VASCO DA GAMA

REPORTAGEM FOTOGRAFICA DE ARMANDO SERODIO

temos um Aquário, onde poderá ir passar com a namorada ou com a grande família... É uma viagem longa que a Carris facilita por 1 rupeia, sendo a possibilidade de ir ao Instituto, através a sombra das árvores — gosta pouco e recebe uma lida de moeda, porque o habitar não acaba logo, e, se quiser, poderá alguns princípios relativamente de férias, sendo por exemplo a circulação de líquidos em vasos fechados, fundamentalmente de bombas pneumáticas e de válvulas — tudo o que constitui a mecânica, origem e resultado da existência dos tanques do Aquário, onde não dá de certo de poder-se de dinheiro nas águas, de vontade de a gente se abalar.

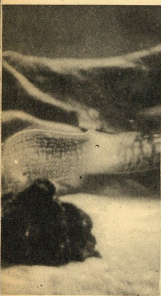
Mar, vivendo, não se abate; se quebra-se um daqueles vidros se imediatamente se quebra — a força das águas do Oceano Atlântico se precipitaria sobre si, matando-o num segundo...



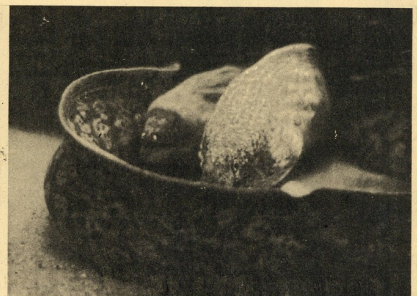
Este sardão parado com tramba de elefante é bom guloso; chama-se o sardão.



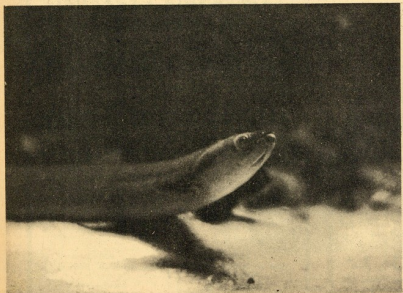
No meio das raízes, vive esta serpentina amarela.



Peix não parece que se ri?



Armadão... Não se a rir e parece que se mata acima basta de força. Peix não foi!



O safrão de calatrana também tem apreciadores. Mas, até, que nos dê: estes aqui, não bem que está a sair...



Um trêcho da selva? Não, senhor: é o fundo de um a água onde dormem cobras de água, aparradas a um vaso de vidro.





Neste grupo estão todos os rapazes que faziam parte da Tuna. A foto foi tirada no «foyer» do D. Amélia, na noite da estreia.

RECORDAM-SE EPISODIOS DA TUNA

DIZEM que as épocas fazem os homens e que as vidas se repetem nos motivos que os caracterizam. Mas sendo assim — por que haverá tantas iniciativas que falam à alma de uma geração e se perdem com o renovar de outras? Não será, então, um erro admitir e impôr a lição do tempo, como princípio de conduta?

Eu creio que cada época tem o seu cenário, cada homem o seu meio. E tudo tem que andar a par, sem propósitos de imitação nem princípios de marcha atrás. Entretanto, isto que é talvez uma verdade — custa os olhos da cara a quem o sente. E até mesmo os que não vivem tal certeza — sem tem a mágoa, a saudade imponderável daquilo que se perde e não repete, como um desenho da Terra, como se fosse lei imutável da matéria. É por isso que há saudades — é por isso que há incompreensões. Os velhos que desejariam que tudo fosse uma perpetuação da sua juventude; os novos que tudo fazem para impôr a sua presença...

Não se discute se os novos de hoje sabem aproveitar o seu momento. Os «rapazes» da Tuna Académica dizem que não — «que eles hoje tomam muito leite, em lugar de carrações...». Mas vai falar-se aqui de uma página do passado que

é uma história de ternura e de arte, muito mais expressiva do que os pontapés da bola...

* * *

Estive ontem com um grupo de «rapazes» da Tuna: orçavam entre os «U» e os «O» e tal. Mas que magnífico convivio, o desses senhores que tinham deixado a gravidade dos anos e da profissão com a bata de médicos, a manga de alpaca, o aumofariz da farmácia, a toga de advogados, a varinha de professores — para me surgirem uns foídes de marca académica, em que sur o próprio era estudante!...

Que exuberância de vida, que espirito desenvolto, que emancipação de idéias que mundo novo de ideais ressuscitados — destes que andam conosco dormentes, sem poder exprimir-se por palavras, mas que são sentimento vivo e bem distinto.

O passado, o presente e o futuro — o que fomos, o que somos e seremos — nesta mistura de tintas de paleta e sons de violino...

— Não sabíamos nada de política, nós, os rapazes. Se nos perguntassem quem era o ministro de tal, respondíamos: «Oh! filho, eu sei lá. Isso não vem nos livros, e dos livros é que eu me occupo!».

Ainda existe uma meia dúzia daqueles que, em 1895, oram a Coimbra, de capa negra ao vento, assistir ao Congresso Nacional de Tuberculosos e de lá voltaram com a idéia do exemplo da academia ateniense que tinha Tuna e Orfeão.

— Por que não havia de fazer-se uma coisa igual em Lisboa? Não poderia aquela doida Banda Infernal Artística, surgida pelo Carnaval, transformar-se num agrupamento sério e ordenado?

Assim tinha que ser. Os rapazes, com Ilidio Amado à frente, fizeram convocação para o pátio da Escola Médica, apresentaram idéias, discutiram projectos. E quando Lisboa, Pórtó e Coimbra, pela boca dos estudantes, aclamavam João de Deus, já a Tuna Académica da capital estava quasi organizada. Em pouco mais de mês e meio — a Tuna tinha-se apresentado. Ilidio Amado, um terceiranista que os tunos ainda choram, deitara mãos à tarefa, arranjara fundos, com quotas de 2 tostões. E foi ter com a dona do 67 da Rua da Rosa, primeira sede da Tuna:

— Por agora, só temos 3 mil réis para a renda, mas lá para o mês que vêm, já podemos pagar cem...

Na sede, cada um apareceu com o instrumento que tocava ou arranhava. Compareceram centenas — mas poucos se salvaram. Ilidio Amado suava:

— Toca lá!... Põe-te a mexer!...

Não era fino de gria, o músico extimo e futuro médico distinto. Mas os colegas gostavam — e ainda se não usava o «gajos» e tal e tal da gente de bom tom do nosso tempo...

A 13 de Maio de 1895, a Tuna Académica de Lisboa surgiu no palco do D. Amélia, a conquistar palmas e corações de meninas pálidas e românticas, debruçadas dos camarotes, sobre as capas dos estudantes...

— Bons tempos!... Que saudade!...

A Tuna continuou, durante três gerações, corer terras de Portugal e de Espanha:

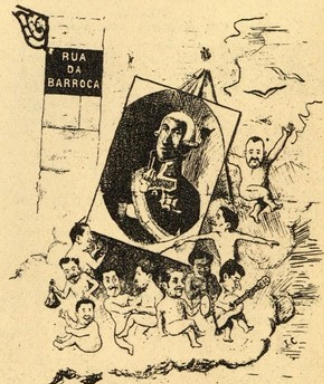
— Mas Setúbal e Santarém eram os «tiros» certos. Quando não havia dinheiro, vínhamos de lá a nadar!...

A rainha D. Amélia — não tinham os tunos dado tantas festas a favor dos dispensários da Assistência Nacional aos Tuberculosos? — oferecera-lhes o estandarte. Maravilhoso, azul e branco, todo bordado a ouro, com uma lira e uma palma entrelaçadas — desenho principiado por Rafael Bordalo Pinheiro e concluído pelo filho, Manuel Gustavo — e que importara em 500 mil réis. O triste, porém, seguiu a sorte dos instrumentos da Tuna:



*Travis Combs
plures e dois
para quem anda
para tres
etudantes qui
remittent au
mots au controle
Lisboa
João de Deus
em 18 de Maio 1895*

Atenção, srs. colecionadores! Este autógrafo é de Sarah Bernhardt e pertence ao sr. Calado Nunes.



Este é o único exemplar do n.º 1 do «Rua da Barroca» e foi-nos cedido pelo sr. Castro Rodrigues. Ao centro o «Grão Duque», à volta, alguns dos tunos.



JOÃO DE BARROS

Poeta e escritor de projecção universal, as letras portuguesas ficam-lhe devendo mais uma contribuição do seu valor: «Vida Victoriosa», um livro de versos que acaba de ser reeditado, juntamente com as suas composições.



MARCEL D'ÁNY

Director, durante largos anos, entre nós, da agência francesa de informações Havas, em cada jornalista português conquistando um sincero amigo, acaba de pedir a sua demissão daquele cargo.



SEREPÁ QUARESMA

Director da empresa «Recortes», uma iniciativa inédita entre nós, acaba de se lançar numa nova iniciativa, merecedora do melhor apêço: «Revista da Imprensa Portuguesa», onde cada leitor encontrará condensados os reflexos da imprensa portuguesa.

AQUI entre NÓS



MIRCEA ELIADE

Adido da Imprensa à legação da Roménia e escritor de merecimento, já conhecido dos portugueses, publicou «Os romenos, latinos do Oriente», magnífico estudo de um povo e de uma civilização.



WILLIAM F. O'P.

Antigo administrador da Companhia das Telefones, a sua morte foi muito sentida por quantos privaram com a sua amizade e inteligência, pois tanta vezes ao serviço do bom entendimento luso-britânico.



MESQUITA BREHM

Um pequeno romancista de 15 anos que com outro romancista também novo — Vargas Pengo — escreveu nas horas vagas do estudo, o curioso romance «Pólvora e Sangue», trabalho que mereceu a simpatia da crítica e do público.

BALANÇO E PLANO

«Vida Mundial Ilustrada», completa mais um ano de publicação. E isso, em boa verdade, pode nada significar de especial, porque o tempo passa irremissivelmente para tudo e para todos, mas sempre é, em todo o caso, altura própria para exame de consciência e balanço da nossa própria actividade.

Que temos feito? Tudo se resume nesta síntese: quanto em nós cabe para harmonizar os desejos de quantos nos lêem com as possibilidades do meio e o nosso próprio desejo de ordenar uma revista de porte moderno, ao sabor das faculdades da técnica do nosso tempo, com as limitações compreensíveis que são ditadas pela modéstia evidente das condições materiais do ambiente que nos cerca.

Isto quer dizer: porque não está ainda suficientemente divulgado entre nós o gosto ou o hábito de cada um ler o seu jornal, a sua revista, o seu livro — uma publicação como a «Vida Mundial Ilustrada» não tem aquele desfago próprio que é natural e certo nos grandes aglomerados.

E aí está, precisamente, enunciado o campo da nossa actividade: levar ao público, constantemente, o germe do interesse pela leitura, a semente da sua curiosidade, fomentando a divulgação de sugestões intellectuais acerca de quantos conhecimentos se desenvolveram em torno de nós ou por esse mundo fora, seja pela imagem — como compete a uma publicação que pelo seu próprio título se chama «ilustrada» — seja em comentários e considerações de uma equipa de colaboradores recrutada entre os mais aptos e apetrechados, pelos seus conhecimentos ou pelo seu poder de apreciação e brilho de repositição.

Uma tal tarefa não se cumpre sendo à custa de sacrifícios constantes. Não nos escusamos a eles — convictos, como estamos, de que constituem a nossa própria razão de ser, a própria razão de ser do nosso orgulho, do trabalho que levamos a cabo semana a semana, procurando a cada passo melhorar o valor intrínseco da revista e o nível artístico da sua apresentação. Sem estultas pretensões de supomos ter descoberto a pólvora, temos, entretanto, a consciência de bem termos cumprido a nossa missão sem nos deixarmos amolecer por contra-tempos ou dificuldades. Pelo contrário, a nossa esperança e o nosso programa são a mesma certeza de sempre: cada vez mais, cada vez melhor...

Vida MUNDIAL Ilustrada
 PUBLICA-SE TODAS AS QUINTAS-FEIRAS
 DIRECTOR: JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
 EDITOR E PROPRIETÁRIO: JOAQUIM PEDROSA MARTINS
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA GARRETT, 80-2.º — LISBOA
 TELEFONE: 2 5 8 4 4



**PROLONGUE OS 18 ANOS
ATÉ AOS 50**



*Só a idade é que muda.
A frescura é
sempre a mesma para
as mulheres que usam*

creme D'ARGY

creme nutritivo · super vitaminado ·

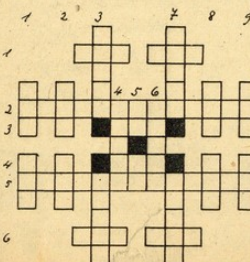
Porquê ?

Não é capricho da natureza, nem fantasia dos réclames. É porque, além da simples acção superficial de embelezar ou umaciar a pele, este creme contém vitaminas, o único e poderoso alimento das células epidérmicas, que assim podem rejuvenecer, revigorar, voltar a ter saúde e frescura, graças ao processo exclusivo descoberto pelo insigne dermatologista de Paris, Dr. Charpy.

Use diariamente: **CREME D'ARGY n.º 1** para uso diurno
CREME D'ARGY n.º 2 para uso nocturno

**PALAVRAS
CRUZADAS**

PROBLEMA N.º 66



HORIZONTAIS: 1 — Soberano; Do cura, 2 — Coeço, 3 — Pref. (designativo de cura), 4 — Parente, 5 — Predomínio, 6 — Mofo; Soada.

VERTICAIS: 1 — Repetição; Capa, 2 — Nome de mulher; Felicidade, 3 — Falta a verdade; Escutar, 4 — Dão norte a, 5 — Molivo; Olhet, 6 — Conselhado austral, 7 — Médio; Purrido, 8 — Espaço de doze meses; Fôrça, 9 — Mentira; Oceano.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 65

HORIZONTAIS: 1 — Sitar; Ar, 2 — Enxas; Ela, 3 — Ma; Em, 4 — Sarcó-fago, 5 — Boa; Ira, 6 — Barditeiro, 7 — Ai; As, 8 — Tal; Tecla, 9 — Ai; Coroar.

VERTICAIS: 1 — Seis; Pala, 2 — In; Abalal, 3 — Terror, 4 — Ia; Cadn, 5 — Amoz; Iso, 6 — Afte; Er, 7 — Artiso, 8 — Alegar; Ld, 9 — Ramo; Ovar.

RECORDAM-SE EPISÓDIOS DA TUNA ACADÉMICA DE LISBOA

(Conclusão da pág. 5)

reta para o segundo espectáculo: «Sejamos castos...».

Também o Dr. Mário Moutinho foi tuno: tocava bandolim que transportava sempre num saco de ramagens, à moda dos «parolos». Quando em 1941, para os ensaios do espectáculo realizado pelos tunos, a favor das vítimas do ciclone, Mário Moutinho se apresentou sem saco de ramagem, todos protestaram:

— Que é do saco, oh! Mário Moutinho?

E, no dia seguinte — ele que pertencia ao grupo dos «enferrujados», pois já não sabia tocar — lá apareceu no ensaio, como nos tempos de rapaz, com o saquinho de ramagens...

* * *

Tudo isto, porém, são recordações — como a saudade, «gosto amargo de infelizes». Os rapazes da Tuna dispersaram-se, porque a Tuna acabou. Mas, de vez em quando, reúnem-se em almoços. Vinham às vezes de longe, deixavam o descanso do lar ou os afazeres do dia-a-dia, mas vinham. Em 1912, por exemplo, retiniram-se no hotel Paris, a 13 de Maio. Entraram às 11 horas para ceiar — e saíram no dia seguinte às 8 da manhã. O poeta Acácio de Paiva levou nessa noite o maior bigode da sua vida. As tantas da madrugada, lembraram-se de um concurso de quadras — e todos concorreram. Calado Nunes — que é veterano, ganhou o concurso:

*Nesta mesa em ferradura
Que outros dizem ser em U
Ha quatro horas que dura
Este entulhar de batá.*

A partir de 1941, os tunos, que reacenderam o seu amor associativo, resolveram reunir-se todos os anos, no aniversário da fundação da Tuna. O almoço que se realizou no domingo, foi uma extraordinária manifestação de saúde — mas a saudade que ri, na alegria de recordar tempos bons se que não voltam mais».

Tanto entusiasmo, tanto carinho, vão talvez acabar com o último tuno que morrer. Mas se assim for — que mágoa ficará com os «rapazes!» Sim, que eles têm trabalhado, têm lutado, junto dos estudantes novos! para lhes transmitir o gosto pela Tuna.

— Não hei-de morrer sem ver a Tuna reorganizada, com os rapazes de hoje — diz o Dr. Correia de Assis.

E ele, como todos, têm, de facto um sonho: quando a Tuna fizer 50 anos, numa grande sessão, os velhos académicos transmitirão aos novos académicos, os seus poderes de tunos!

Até lá — até sempre — os Drs. Correia Assis e Castro Rodrigues coligam elementos, ouvem Calado Nunes e tomam notas para escrever as Memórias da Tuna Académica de Lisboa...

Que magnífico volume!

M. A.

SALÃO DE CHÁ-PASTELARIA

ACUIAR

A única casa que tem um salão privado para Casamentos e Banquetes. O melhor serviço de restaurante e bar.

—
Servem-se Lanches

17, Rua do Carmo, 19
Telefone 24751
L I S B O A